

TEATRO

# **BOM APETITE, AMOR**

**Antônio Roberto Gerin**

*Texto registrado na Fundação Biblioteca Nacional sob o n. 764.197*

## Personagens

OTÁVIO (35 anos)  
VALÉRIA (Esposa de Otávio)  
MAURÍCIO (64 anos)  
PAI (do Otávio)  
MIGUEL (Transeunte)  
POLICIAL (Transeunte)  
RICARDO (Amigo do Otávio)  
HELENA (Amiga da Valéria)  
VERINHA (Amiga da Valéria)

## ATO I

## CENA I

(Na cozinha.)

OTÁVIO (Chega para o almoço, faminto. Percebe algo estranho. O almoço não está pronto, a esposa não está na cozinha como é o costume.) Valéria... Cadê meu almoço...? (Saindo para o interior da casa.) Cristiane! (Pausa.) Dorinha... (Logo retorna, inconformado por perceber que não há ninguém em casa. Olha para a cozinha, desolado, depois abre o forno para ver se há algo para comer. Nada encontra. Abre um dos armários em cima, depois as portas embaixo da pia.) O que é que pode ter acontecido. Ninguém me falou nada. (Percebe

*um bilhete em cima da mesa. Lê.)* Querido, fomos ao shopping. A sobra do jantar está na geladeira. Bom apetite. Como assim bom apetite? Deixa resto pra comer, e eu ainda tenho que ter bom apetite! Foram fazer o que no shopping? Sem me avisar? E o meu almoço? Valéria, Valéria... As suas obrigações, Valéria! Está me saindo da linha, mulher. Eu sabia que ia dar nisso. Abre o olho, Otávio. Até a Dorinha! Arranja namorado, eu não fico sabendo. Ela tinha que ter me contado. Eu sou o pai. E se for um vagabundo? A culpa é sua, Valéria. *(Vai até a geladeira, abre, enquanto pega uma vasilha e coloca sobre a mesa.)* Comando mais de cem funcionários na empresa, não vou dar conta de três mulheres. Está pedindo arrego, Otávio? Você vai aceitar isso? *(Abre a travessa.)* Sopa de batata! Isso não é almoço. Não vou comer essa merda. *(Pausa.)* Eu ainda sou o homem dessa casa. Não como. *(Pausa. Decide procurar algo nos armários.)* Onde é que fica a merda do prato? *(Encontra, coloca-o sobre a mesa. Depois volta, abre uma gaveta, depois outra.)* Não tem garfo nessa casa? *(Encontra o que procura, na primeira gaveta. Coloca o garfo na mesa, meio que jogando. Depois volta para os armários, à procura do copo.)* O copo eu sei onde que tem. *(Não encontra na primeira porta que abre. Encontra na segunda. Resmunga.)* Trocou de lugar só pra me sacanear. *(Coloca o copo sobre a mesa.)* Sopa não é almoço... Não vou comer essa merda! Mas não vou mesmo. Aí já é pedir demais. *(Saindo.)* Você me paga, Valéria.

## CENA II

*(No boteco.)*

*(Cena facultativa.)*

MAURÍCIO *(Abre o boteco, ergue a porta. Pega o pano para começar a limpeza, mas logo se lembra de colocar uma música na vitrola.)* - O que é que nós vamos ouvir... Raulzito... Eu vou te dar um descanso hoje, cara. Mutantes... Tropicália! *(Retira*

*o vinil e o observa, com admiração.)* Esse vai ser o cardápio do dia. *(Admira o vinil.)* Olha que beleza que é o vinil! *(Coloca o vinil no prato e posiciona o braço do toca disco, com extremo cuidado, para no arranhar a bolacha.)* A Rita Lee nessa época era uma coisa de louco. Linda que só! O tempo acaba com tudo mesmo, mas a boa música prevalece. Essa moçada de hoje não faz música boa, só porcaria. As rádios só tocam comercial, não tocam música. Se é que a gente pode chamar aquilo de música. *(Referindo-se à tropicália.)* Eles sim eram revolucionários. Fazer esse tipo de música em plena ditadura, não é pra qualquer um não. Isso é coisa pra artista de verdade. Tempos difíceis... Meu Deus, a gente não podia fazer nada. Tudo era proibido. Vigiado! Mas tinha música boa. Tinha futebol. O Brasil, tricampeão. Faz uns dez anos que eu não vejo uma seleção boa. Música, nem se fala. Uns vinte anos. Daí pra mais. Mas não tem tempo ruim que não passe. Por falar nisso, hoje tem jogo do Brasil. Bem que o bar podia lotar. Com essa crise, não está fácil pra ninguém.

### CENA III

*(No boteco.)*

OTÁVIO E aí, Maurício, beleza?

MAURÍCIO Tavinho... A essa hora!

OTÁVIO O que é que tem aí pra comer?

MAURÍCIO Eu acabei de abrir o bar.

OTÁVIO Eu preciso almoçar.

MAURÍCIO Você sabe que eu não sirvo arroz e feijão.

OTÁVIO Eu como qualquer coisa. Menos sopa de batata!

MAURÍCIO Por que é que você não vai almoçar em casa?

OTÁVIO Por que hoje eu quero almoçar aqui.

MAURÍCIO Tem moela com jiló.

OTÁVIO Jiló não. Detesto jiló!

MAURÍCIO Linguiça com mandioca... Torresmo.

OTÁVIO Isso não é almoço.

MAURÍCIO Aqui é boteco.

OTÁVIO O que é que sai mais rápido?

MAURÍCIO Linguiça.

OTÁVIO Pode ser linguiça. Cinco minutos!

MAURÍCIO Cerveja?

OTÁVIO Lógico. Gelada! Escuta aqui, Maurício. Que porra de música chata é essa?

MAURÍCIO Música boa, rapaz. De qualidade.

OTÁVIO Música boa é música internacional.

MAURÍCIO Nós estamos no Brasil.

OTÁVIO Grande bosta.

MAURÍCIO Isso é tropicália! (*Desiste.*) Você nem sabe o que é tropicália.

OTÁVIO Parece nome de filme pornô.

MAURÍCIO (*Irrita-se.*) - Escuta aqui, meu rapaz! Isso é de um tempo em que se fazia música de verdade. Época da ditadura! E olha que eu estou falando de um tempo em que não se podia dizer nada, tudo era porrada. Morte. Sumiço! Você tem sorte, meu rapaz! Você nasceu na democracia, não precisa ficar aí se escondendo, pode falar a merda que quiser, ninguém vai te incomodar.

- OTÁVIO Esse é o problema. Ouvir merda incomoda. E o que mais tem por aí é gente falando merda. Dão opinião pra tudo. E o que é que se ouve? Mais merda! Por isso que eu sou a favor da ditadura, pra calar a boca desses babacas que só sabem cuspir merda.
- MAURÍCIO Você não tem a mínima ideia do que está dizendo.
- OTÁVIO É só ver os noticiários. Ninguém quer nada com nada. Só querem saber de atrapalhar a vida dos outros, das pessoas honestas, que ganham seu salário com o próprio suor. O que é que você vê? Só roubalheira! Ninguém respeita mais ninguém. Filha não respeita pai... Mulher não respeita marido...
- MAURÍCIO E você acha que a ditadura vai fazer mulher respeitar marido.
- OTÁVIO Alguém tem que botar esse país na linha.
- MAURÍCIO Eu trabalhava nos Correios. Abri a boca pra pedir aumento de salário, fui pra rua. De mãos vazias. Aí eu comecei a gritar pelos meus direitos. Sabe o que aconteceu? Peguei xilindró e pau-de-arara!
- OTÁVIO Mas é justamente assim que as coisas têm que funcionar. Veja você. Lá na minha casa todo mundo me respeita, por que lá em casa eu sou o sol. Eu sou o centro do universo. Lá na minha casa, seu eu falar..., só de eu olhar torto, já sabem que tem perigo de o cinto comer, então, só de eu olhar torto, elas já entendem o meu olhar, por que isso é respeito, foi assim que eu ensinei as coisas lá em casa, se tudo não estiver do jeito que eu quero, o bicho pega, porque lá em casa eu mando, eu tomo conta das coisas, eu levo dinheiro pra casa, então, todo mundo tem que me respeitar, sem resmungar, porque se reclamar, meu querido...
- MAURÍCIO Se você tivesse esse respeito que você tanto fala que tem, você não precisaria de nada disso. Dessa truculência. Só com conversa as pessoas te respeitariam. Mas você precisa usar da violência. Por quê? Porque ninguém te respeita. Sabe por quê? Porque você não respeita os outros. Olha que besteira que você está falando... Olha que idiotice! Você não sabe nada do que está acontecendo. Está precisando voltar pra

escola.

OTÁVIO Olha pra você ver. Começa errado na escola. Porque hoje em dia pra entrar na universidade tem que ter tantos por cento de não sei o quê... Tantos por cento de cota! Pros negros. Então quer dizer que negro não precisa estudar. Chega lá na escola, eu vou te pegar porque você é negro. Por quê? Por que você tem que entrar na cota, a cota vai te pegar, você não precisa estudar. Não. Você chega lá e fala. Eu sou negro. Está lá. Eu sou negro. Negro já entra pela cota. Entendeu? Minha filha, que é branca, tem que estudar. Hoje em dia está tudo bagunçado... as coisas. Hoje em dia na escola... Na escola pode ser homossexual. Na escola tem que ser não sei o quê... Que é uma coisa que não pode. Por que é que não pode? Porque está na Bíblia. Homem deve casar com mulher. Porque Deus fez Adão, e depois fez a Eva, porque Adão estava sozinho, Adão estava sozinho naquele paraíso, Adão precisava da Eva pra procriar e povoar o paraíso. Mas o que acontece hoje em dia? Tem os homossexuais. Homossexual está beijando em qualquer lugar. Coisa que eu não aceito!

MAURÍCIO Por que é que todo mundo tem que procriar? Procria quem quiser. Quem não quiser, dá o que quer. Não é da sua conta. Por que é que você deu pra falar tanta merda hoje? Por que é que você não vai almoçar em casa?

OTÁVIO Por falar nisso, e a minha linguiça. Sai ou não sai?

MAURÍCIO Se você parar de falar merda, pode ser que ela fique pronta.

OTÁVIO Você já foi no shopping? Aqui no nosso shopping, perto de casa? É só olhar. Se eu quiser almoçar em casa, eu vou, tem comida lá, mas eu quero almoçar aqui. Eu podia até ir almoçar lá no shopping. Vai lá no shopping. Já foi?

MAURÍCIO Eu não tenho nada pra fazer lá.

OTÁVIO Você vai no shopping e o que é que você vê. Dois homens dividindo um sorvete. Cada um com um canudinho, que nem um casal. E você, que está do outro lado, tem que ficar olhando praquelas bichas tomando sorvete. Eu estou tomando o meu sorvete, com colher, mas tenho que ficar olhando pras bichinhas! Lá no shopping. Aqui perto de casa. Se bobear, o

casalzinho pode até ser o seu vizinho. Deus criou Adão, depois Deus criou a Eva, depois os dois fornicaram...

MAURÍCIO Você com esse falatório de merda, Deus criou Adão, depois criou a Eva... Do barro que Deus te fez, então, estava cheio de estrume, porque, pra sair tanta besteira, só pode ser da bosta do estrume!

OTÁVIO Não podia ter cota pra porra nenhuma!

MAURÍCIO Claro que não podia ter cota. Claro que não podia! Tinha que ter educação básica pra todo mundo. Mas vai lá, na periferia. Veja a escola que eles estudam. E veja a escola que a sua filha estuda!

OTÁVIO Não é por que...

MAURÍCIO Não é, exatamente, não é mesmo, lógico que não é! A educação é que é a solução pra esse país. E é olhar pra frente, pro futuro, e não ficar olhando pra trás, pra essa coisa obscura que você está querendo de volta. Isso não vai resolver nada pra ninguém. Pode resolver pra você, que é um mandão, que está por cima da carne seca, que vem aqui no boteco encher o saco.

OTÁVIO O negócio é o seguinte. Você está aí falando, falando, e a minha língua? Daqui a pouco vai queimar.

MAURÍCIO Você está sentindo cheiro de queimado?

OTÁVIO Vai queimar.

MAURÍCIO *(Irrita-se.)* - Você está sentindo cheiro de queimado?

OTÁVIO Você não pode discutir comigo. Eu sou o freguês. Quem vai pagar a língua sou eu.

MAURÍCIO Você tomou quatro cervejas ontem à noite, e só me pagou uma.

OTÁVIO Isso é um detalhe.

MAURÍCIO Um detalhe! Você consome sem pagar e é um detalhe? Eu não vou te servir língua porra nenhuma.



- OTÁVIO      Você tem a obrigação de me servir.
- MAURÍCIO    Me obriga! Vai lá chamar o general. Traz aqui a porra do general pra ele me obrigar a te servir linguiça.
- OTÁVIO      Eu quero almoçar.
- MAURÍCIO    Aqui, não!
- OTÁVIO      (*Saindo.*) - Está bem. Eu vou embora. Não preciso almoçar aqui mesmo. Lá em casa tem almoço. Valéria e as meninas estão lá me esperando, e com o almoço na mesa.
- MAURÍCIO    Bom apetite! (*Indo até a porta.*) Da próxima vez eu vou chamar um pouco da ditadura pra você experimentar. Pra ver como é bom!

## CENA IV

(*Na cozinha.*)

- OTÁVIO      (*Entra na cozinha falando ao celular.*) - Oi, Valerinha. Bom, amor. Acabei de chegar em casa, ninguém está aqui, vocês saíram? Reparei aqui no bilhete que você deixou pra mim, que vocês foram ao shopping, que a comida está na geladeira. Mas, estranho, amor, só tem sopa de batata. Será que você não guardou em outro lugar, você esqueceu de me falar, de repente, alguma coisa especial pro seu maridinho, vi que não tem panela no fogão. Então... E outra coisa, você foi no shopping? Você foi comprar alguma coisa assim... correndo? Aconteceu alguma coisa, porque vocês saíram, não estavam aqui pra almoçar com o papai, com a minha família, com as minhas três mulheres... Sim... Mas... sopa de batata, amor? Não tinha outra coisa melhor? Sopa de batata é pra comer à noite, no jantar. Então... Ontem à noite, o que aconteceu. Eu estava tomando a minha cervejinha, você sabe, coisa que eu gosto de fazer, o dia é cansativo, muito trabalho, então a

cerveja me relaxa, eu gosto de chegar em casa relaxado... Pra dormir bem com a minha esposa. Ah, vocês ficaram me esperando pra comer a sopa de batata! O problema não sou eu, amor, você sabe como é que é o Maurício. Começa a alugar o meu ouvido, vem lá com a política, depois vem com os problemas dele, as brigas com a mulher, ele me fez esquecer a hora. Então... Você não quer que eu vá aí me encontrar com vocês, pra gente almoçar juntos no shopping, um negocinho diferente... Ah, vocês já estão almoçando! Já estão acabando. Certo. E não chama o papai pra ir, né? Aquele que está pagando o almoço pra vocês não merece almoçar. Um almocinho gostoso... Tem que comer resto de ontem. A culpa é minha também. Maldito eu que não comprei um cachorro pra vocês darem resto! Porque é a única coisa que falta comprar nessa casa. Porque roupa pra você, o carro que você foi, as coisas pras meninas, tudo sou eu que dou. E eu tenho que comer sopa no almoço! E você acha isso certo? Sou eu que estou falando! Você acha certo tratar o seu marido, o homem dessa casa, desse jeito? Foi pra isso que você se casou comigo? Certo... Não, mas cerveja é outro ponto, o ponto agora é o almoço, eu quero saber do meu almoço. Vocês já estão vindo pra casa? Ah, ainda vão tomar sorvete...! Certo. Certo. Ahan! O que eu desejo pra você é que você veja um casal de homens tomando sorvete de canudinho, trocando beijinhos, pra você ficar com bastante nojo na hora que você for tomar o seu sorvete. É! Onde já se viu. Sair de casa e não deixar comida pro marido. Hein?! E as suas obrigações, hein, Valéria?! Foi pra isso que eu te tirei da casa dos seus pais? Foi? Olha pra você ver a bagunça que essa casa está. Foi pra isso que eu te tirei da casa dos seus pais? Pra você me deixar sem almoço? E ainda levou as meninas! Está errado, vamos ter que rever esse contrato que foi nosso casamento. Eu estou saindo perdendo, o principal investidor desse contrato está perdendo. Quando a senhora chegar em casa nós vamos conversar. Temos muito pra conversar! Aproveite, porque o meu cartão de crédito e a chave do meu carro já estão confiscados. Até a Cristiane foi! A Cristiane só pode ter ido obrigada. Tenho certeza. Por que a Cristiane, o meu chaveirinho, não ia por conta própria. Ela devia ter esperneado pra não ir, pra ficar em casa esperando o papai. Eu acho até que você deve estar subornando ela com esse sorvete. Com o meu dinheiro, né? É lógico! Eu preciso

ter uma conversa com a Dorinha, de pai pra filha! Ela vai me dizer qual o vagabundo que ela está namorando. Vagabundo, sim! Pega a chave, liga o meu carro e venha já pra casa! Como?! Ainda vão ao cinema? E o meu almoço? Sopa não é almoço! Vem agora pra casa, eu estou mandando. Já estou com o cinto na mão. Valéria! A vadia desligou o telefone na minha cara. *(Recomeça a discar.)* Vamos, vadia, atende esse telefone. É hoje que eu te arrebento a cara. Vamos ter uma conversa sobre certas coisinhas que andam acontecendo. Ou você acha que eu não sei? E você, telefone, não vai me atender? Fui eu que te comprei. Atende, porra, eu estou mandando! *(Saindo.)* Eu vou lá no shopping resolver isso. Agora! *(Sai.)*

## CENA V

*(No boteco.)*

OTÁVIO Beleza, Maurício? Aí, tudo bem com você?

MAURÍCIO Está sem almoço em casa, é?

OTÁVIO Então... Não vai ter outro jeito não, vou ter que almoçar aqui. Cheguei em casa, de fato, não tinha almoço pronto, minha mulher teve que sair. Teve que levar minha sogra ao médico, uns problemas aí de pressão alta... Valerinha não teve tempo de arrumar o meu almoço. Então, você sabe... E aquela linguicinha? E aí? Sai uma porçãozinha...?

MAURÍCIO Em nome da sogra, eu vou servir uma linguicinha pra você. *(Sai para a cozinha.)*

OTÁVIO *(Sentando-se, satisfeito.)* - Capricha, porque a fome que eu estou nela não está cabendo em mim. Daqui a pouco ela vai me matar. *(Pausa.)* Vamos fazer um trato. Nada de falar de política. Não somos nós que vamos consertar o país. Não é mesmo, Maurício? *(Pausa.)* Mas bem que esse país está

precisando de umas boas porradas!

MAURÍCIO (*Entrando.*) - Tem um problema. A mandioca não está boa. Ficou dura demais.

OTÁVIO Só fritar, que ela fica mole.

MAURÍCIO Nem fritando.

OTÁVIO Com é que você sabe? Tenta.

MAURÍCIO Tenho certeza, você não vai gostar.

OTÁVIO Mas eu gosto de mandioca frita.

MAURÍCIO Vai sair linguiça com jiló.

OTÁVIO Eu detesto jiló!

MAURÍCIO Com jiló, ou nada.

OTÁVIO Não tem outra coisa?

MAURÍCIO O boteco só serve mandioca e jiló.

OTÁVIO Traz só a linguiça.

MAURÍCIO A linguiça não pode ser servida sozinha. Com jiló, ou nada.

OTÁVIO Mas tem que ser com jiló?

MAURÍCIO É o que a casa tem pra oferecer.

OTÁVIO Isso é safadeza, Maurício!

MAURÍCIO (*Esperando.*) - E aí?

OTÁVIO Vai. Manda. (*Maurício se aproxima da mesa, fica à espera.*)  
O que foi?

MAURÍCIO Pagamento antecipado.

OTÁVIO Eu ainda não comi.

MAURÍCIO As três cervejas de ontem, que você não pagou. E a porção de

torresmo.

- OTÁVIO Depois que eu comer, eu pago tudo.
- MAURÍCIO E tem a cerveja da semana passada.
- OTÁVIO Aquela eu paguei!
- MAURÍCIO Não pagou.
- OTÁVIO Eu não vou pagar de novo.
- MAURÍCIO *(Afastando-se.)* - Não sai a linguiça com jiló.
- OTÁVIO Quanto é que eu devo nessa porcaria?
- MAURÍCIO Trinta e quatro reais.
- OTÁVIO Cerveja cara!
- MAURÍCIO O preço de sempre.
- OTÁVIO Vai demorar quanto essa linguiça?
- MAURÍCIO Já está pronta.
- OTÁVIO Beleza. Desce uma cerveja. Gelada! *(Maurício traz a cerveja e copo, fica em pé, diante de Otávio.)* Não vai colocar a cerveja na mesa não?
- MAURÍCIO Primeiro tem que pagar.
- OTÁVIO Porra! Mas aí já é demais. *(Maurício retorna para o balcão, levando a cerveja.)* Espera aí! Também não é assim.
- MAURÍCIO *(Voltando.)* - Trinta e nove reais tudo.
- OTÁVIO Está aqui. Cinquenta. Eu quero o troco.
- MAURÍCIO *(Depositando a cerveja sobre as mesa, recebe o dinheiro.)* - Esqueci. São quarenta e quatro reais. Tem a cerveja que você tomou agora pouco.
- OTÁVIO Mas eu só tomei dois copos. Cadê o resto da cerveja.

- MAURÍCIO Joguei fora.
- OTÁVIO É minha, eu paguei.
- MAURÍCIO Você foi embora.
- OTÁVIO Essa merda está quente!
- MAURÍCIO Está gelada.
- OTÁVIO Está quente, quer saber mais do que eu.
- MAURÍCIO Se gritar, não tem linguiça.
- OTÁVIO Que brincadeira é essa, Maurício?
- MAURÍCIO Alguém tem que botar esse país na linha.
- OTÁVIO Manda começar por essa porra de boteco. Não tem nada decente pra comer.
- MAURÍCIO *(Serve um prato com uma rodela de linguiça no palito.)* - Está aqui a sua linguiça.
- OTÁVIO *(Ergue o palito com a rodela de linguiça.)* - O que é isso?
- MAURÍCIO Uma rodela de linguiça.
- OTÁVIO Eu pedi uma porção!
- MAURÍCIO Você está querendo mais?
- OTÁVIO Já devia ter trazido.
- MAURÍCIO Eu só trago se você disser que é a favor do casamento homossexual.
- OTÁVIO Mas nem amarrado num pau-de-arara!
- MAURÍCIO Como quiser. Não vai ter mais linguiça.
- OTÁVIO O que é que tem a ver linguiça com casamento de veado?
- MAURÍCIO No meu boteco eu só sirvo linguiça pra quem é a favor do casamento homossexual.

- OTÁVIO      Aqui dentro do boteco.
- MAURÍCIO    O que se diz lá fora não me interessa.
- OTÁVIO      Então aqui dentro do boteco eu vou ser a favor do casamento dos veadinhos... *(Silêncio. Maurício continua parado.)* Já falei, não ouviu não?
- MAURÍCIO    Tem que falar casamento homossexual.
- OTÁVIO      Aqui eu vou ser a favor do casamento dos homens sexual. *(Maurício traz na mão dois palitinhos com duas rodela de linguiça e um outro palitinho com um jiló.)* Não foi o que nós combinamos!
- MAURÍCIO    Está querendo mais? Então vai ter que dizer o seguinte. Qualquer negro tem condições de ser o meu chefe na empresa.
- OTÁVIO      Mas eles não têm condição!
- MAURÍCIO    Neste boteco, negro é igualzinho a branco.
- OTÁVIO      Lá fora não é.
- MAURÍCIO    Mas aqui dentro é.
- OTÁVIO      Se eu tiver que ter um chefe negro, isso significa que eu sou um bosta.
- MAURÍCIO    Aqui no boteco, daquela porta pra dentro, você não será um bosta.
- OTÁVIO      Mas eu não sou um bosta!
- MAURÍCIO    De fato, você não é um bosta.
- OTÁVIO      Ou você me traz a porção de linguiça inteira, ou eu vou procurar comida em outro lugar.
- MAURÍCIO    Está bem. Eu vou servir sua linguiça com jiló, pra você matar a sua fome. Mas antes você vai me dizer o seguinte. Lá em casa minha mulher manda em mim e hoje ela não fez almoço pra mim porque ela não quis.

OTÁVIO *(Levantando-se, cospe a cerveja.)* - Eu que mando na minha casa! Estou sem almoço hoje porque a maldita da minha sogra ficou doente. Eu é que mando naquela casa. Sabe por quê? Por que eu sou o macho, o centro do universo, e não teve almoço em casa porque minha sogra, que Deus a tenha, ficou doente, e minha mulher, a Valerinha, que cuida de mim, teve que levar a mãe ao médico. Porque ela é uma filha decente. Ainda existem neste país podre filhas decentes, que respeitam pai e mãe. Amanhã volta a ter almoço lá em casa e eu não vou precisar ouvir as suas merdas. O meu mundo vai continuar feliz, como deve ser um lar feliz! E quer saber? Negro tem que ser no chicote! Por que a vaga que está lá na universidade é da minha filha, aquela vaga é minha, de direito, pra eu dar pras minhas filhas, porque sou eu que pago imposto nesta merda de país ladrão, com um governo ladrão, que agora está querendo apoiar o casamento dos veadinhos, como se o governo não precisasse aumentar a população pra trabalhar pra pagar mais imposto pra ele roubar. Quero ver um militar a favor do casamento gay. Se for a favor, é porque também é gay Eu vou almoçar no Bar da Nilda, porque eu estou atrasado, daqui a pouco eu tenho que voltar para o trabalho, porque eu trabalho. *(Pega o celular.)* No Bar da Nilda tem até feijão tropeiro. *(Enquanto disca o número do telefone.)* Deixa eu ligar pra minha mulher, pra saber se a minha sogrinha melhorou. *(Saindo.)* E você, que levou choque no cu, passe bem!

## CENA VI

*(Na cozinha.)*

OTÁVIO *(Entra na cozinha, passos vacilantes, vai até a mesa onde está a travessa de sopa. Observa-a, com o dedo colhe um pouco de sopa e leva á boca, mostrando desagrado. Depois pega o recipiente e leva-o ao microondas, tecla o tempo de aquecimento, volta para a mesa, fica esperando, enquanto, a cabeça levemente inclinada, os braços descansando sobre a*



*mesa, fica em silêncio. Logo se levanta, despertado pelo aviso do microondas de que o tempo acabara, pega o recipiente, traz para a mesa, senta-se, pega o garfo e começa a comer a sopa.) - Esse garfo está furado. (Levanta-se, em gestos bruscos, irritado, vai até o armário, abre a gaveta, pega uma colher. Volta para a mesa e senta-se. Começa a comer a sopa, primeiro com certa cautela e desconfiança, depois de forma voraz e rápida.)*

## ATO II

### CENA I

*(Na sala.)*

- OTÁVIO *(Entra e cumprimenta, estendendo a mão.)* - Bom, pai.
- PAI Bem, filho. Vamos entrando.
- OTÁVIO E aí, pai, como é que estão as coisas.
- PAI Estão bem, por quê? Resolveu ir nos protestos.
- OTÁVIO Tem que ir, né pai? A gente não pode deixar as coisas saírem da linha desse jeito que está.
- PAI Faz bem. Temos que tirar esse governo do poder. Antes que eles arrebentem o país de vez.
- OTÁVIO O senhor não quer descer comigo?
- PAI Não, filho, vou ficar por aqui. Acompanho pela televisão. Sua mãe já foi. Ela e a Sofia. Até bandeira levaram. Quer tomar um café?
- OTÁVIO Não, pai.
- PAI O que é que foi, parece preocupado.
- OTÁVIO Preocupado um pouco, sim. Com a situação do nosso país. *(O*

*pai senta.*) A economia, o senhor sabe como é que está. Lá na empresa já estamos começando a sentir a crise. (*Sentando.*) Ah! Por falar na empresa, tenho uma coisa pra contar pro senhor. Até por uma questão de ouvir a opinião do senhor. Tem um rapaz, que trabalha comigo, ele está com um problema em casa, ele me procurou pra conversar. Eu até fiquei meio assim, nem soube como ajudar. O senhor que me criou nessa linha..., um pouco com mais pulso firme, me ensinou como é que as coisas têm que andar em casa, então eu falei, eu vou perguntar pro meu pai, meu pai deve saber me falar alguma coisa. Esse rapaz me contou, na verdade ele é um pouquinho mais velho que eu, a gente tem assim uma certa amizade. Ele já vinha reclamando pra mim que a mulher dele andava pisando na bola. Sabe o que aconteceu esses dias? Só pro senhor ver. Ele chegou do trabalho, na hora do almoço, pra almoçar em casa, e não tinha comida pronta. A mulher tinha deixado comida pra ele requentar. Ela não estava em casa. E o senhor sabe qual era a comida? Sopa de batata. Quem que come sopa de batata no almoço, pai?

PAI           Ele comeu?

OTÁVIO       Lógico que não!

PAI           (*Pequena pausa.*) - Tem alguma coisa errada nisso aí, filho.

OTÁVIO       Será, pai?

PAI           Tem. Sua mãe. Sua mãe sempre cumpriu com as obrigações dela na hora certa. Você sabe como é que foi aqui em casa, você viveu aqui, eu te passei o exemplo de como é que se cuida de uma família, então tem alguma coisa errada aí. Você deve falar com ele, dar uns conselhos, manda ele investigar essa mulher... Ela foi aonde? O marido sabe?

OTÁVIO       Foi ao shopping.

PAI           Gastar o dinheiro dele.

OTÁVIO       Foi.

PAI           Eu sabia.

- OTÁVIO Enquanto a mulher deixou sopa requentada pra ele comer, ela foi pro shopping gastar o dinheiro dele. Com o carro dele.
- PAI Ela foi fazer o que no shopping?
- OTÁVIO Almoçar, pai. Deixou ele sem almoço e foi almoçar no shopping. Depois foi tomar sorvete. E depois ainda foi ao cinema!
- PAI Esse marido tem pulso muito fraco.
- OTÁVIO O senhor acha, pai? Pelo que eu vi, ele é um cara até pulso firme.
- PAI Pulso firme como? Olha o que a mulher faz com ele. Me desculpa, mas esse seu amigo é um frouxo. Pra mim, tem mais coisa nessa história.
- OTÁVIO Então, pai. Esse que é o problema dele. Tem outra coisa. Sabe o que aconteceu com esse rapaz lá da empresa? Agora nós estamos chegando num assunto até bem mais complicado. E é sobre isso que eu quero falar com o senhor. // Sabe o que aconteceu esses dias... Esse amigo estava no banheiro do casal, estava procurando cotonete, não conseguia achar, não achou na gaveta, procurou embaixo, onde ficam as coisas... O senhor sabe, as coisas que a gente compra e guarda ali, meio que escondido. Ele viu uma coisa, pai. Uma coisa bem maior que um desodorante. *(Silêncio.)*
- PAI Que coisa que é essa, meu filho, que é maior que um desodorante?
- OTÁVIO Eu tenho até vergonha de falar pro senhor. Um pênis grande, pai!
- PAI Um pinto duro.
- OTÁVIO Ele ficou chocado. Não sabe o que fazer.
- PAI Essa mulher aí está traindo seu amigo.
- OTÁVIO *(Reage.)* - O senhor acha?

- PAI           Esse rapaz é corno.
- OTÁVIO       (*Levanta-se.*) - Não pode ser, pai!
- PAI           É, filho.
- OTÁVIO       Ele não merece isso.
- PAI           Qual o homem que merece.
- OTÁVIO       (*Pausa. Desalentado, senta-se.*) - Tem mais um problemão aí, que deixou ele mais puto ainda.
- PAI           Filho, por que é que você está se metendo nisso? Não se mete em briga de marido e mulher.
- OTÁVIO       Só estou contando pro senhor porque é interessante.
- PAI           Tome cuidado, não se pode mexer com raiva de corno.
- OTÁVIO       Ele me disse que nem tocou no negócio, só olhou. Não teve coragem de apalpar. Ele estava muito nervoso.
- PAI           Estou com pena desse rapaz.
- OTÁVIO       Pai, aqui vai o maior problema. É preto. O negócio é preto, pai!
- PAI           Preto?
- OTÁVIO       Escurinho que nem a noite.
- PAI           É vadia. Aí, não. (*Pequena pausa.*) O cara é branco?
- OTÁVIO       Tipo alemão.
- PAI           Vadia duas vezes. Ele não fez nada não, não falou com ela, não chegou essa vadia na parede, não deu umas porradas?
- OTÁVIO       Ele acha melhor não falar com ela.
- PAI           Corno manso.
- OTÁVIO       Pai, não é assim! O cara não aceita aquilo dentro da casa dele,

ele não consegue dormir mais à noite. No trabalho, eu tenho que ficar chamando a atenção dele, as coisas não estão saindo bem. Por isso, ele veio me procurar. Ele disse que se for falar com ela, ele tem medo de não responder pelos seus atos. Ele é macho, pai, como a gente.

PAI Cai fora dessa história, filho. Isso ainda vai dar merda. A gente não se mete em briga de marido e mulher. (*Em tom de censura.*) Ainda por cima essa mulher gosta de negão.

OTÁVIO O senhor tem razão. Eu sigo os seus conselhos. Não vou mais me meter nisso. Só conversei porque o senhor é mais experiente.

PAI Se meter nessa briga com a merda desse governo, isso você pode fazer. Vai lá e defende a nossa causa. Agora, em briga de corno e vadia, cai fora. Correndo!

OTÁVIO O que é que o senhor faria no lugar dele?

PAI Eu pegava essa merda e enfiava no rabo dela e obrigava a vadia a me contar tudo o que ela anda fazendo. É a primeira providência.

OTÁVIO Eu vou passar esse conselho pra ele, pai. Bem. Vou descendo. Já são quase dez horas.

PAI Vai lá, porque precisamos muito juntar dois milhões de pessoas na avenida. Só a união do povo pra derrubar esse governo de vagabundos.

OTÁVIO Manda um beijo pra mãe, pai. (*Sai.*)

PAI Mando sim, filho.

## CENA II

(*Na praça, pouco tempo depois.*)

- OTÁVIO      Aí, beleza?
- MIGUEL      Tudo bem.
- OTÁVIO      A coisa não está tão movimentada quanto a gente esperava. A praça está praticamente vazia.
- MIGUEL      Ainda é cedo, o povo está chegando.
- OTÁVIO      São quase onze horas.
- MIGUEL      A previsão de chegar lá em cima, na avenida, é por volta de uma hora da tarde.
- OTÁVIO      Vai atrasar o meu almoço.
- MIGUEL      Não trouxe lanche, nada?
- OTÁVIO      Faz quase duas horas que eu estou aqui.
- MIGUEL      Você chegou cedo.
- OTÁVIO      Então, eu falei pra minha mulher. Olha, vou cedo, que assim eu volto pro almoço. Mas eu sabia que ia atrasar um pouco. Esses protestos sempre atrasam, nós estamos no Brasil. Atraso de duas horas. Aí eu pensei. Se é pra começar às nove, chego às dez, começa às dez e meia, subimos pra avenida, no máximo meio-dia estamos na muvuca. Agito um pouco, mostro meu ódio e volto pra almoçar.
- MIGUEL      *(Preocupado.)* - Vai passar de um milhão. Eu tenho certeza.
- OTÁVIO      É pouco.
- MIGUEL      *(Nervoso.)* - Vamos esperar, calma! Ainda está cedo.
- OTÁVIO      Mas, então... Eu calculei que antes de uma hora, talvez no máximo uma e meia, eu estaria em casa. Falei pra minha mulher. Coloca o almoço uma e meia, no máximo, sem falta.
- MIGUEL      Hoje é domingo, cara.
- OTÁVIO      Durante a semana eu almoço ao meio-dia.

MIGUEL      Eu trouxe o meu lanche.

OTÁVIO      Sua mulher que fez.

MIGUEL      Eu moro sozinho.

OTÁVIO      Não tem mulher?

MIGUEL      Tive três, resolvi dar uma parada.

OTÁVIO      Um descanso.

MIGUEL      Chega, já deu.

OTÁVIO      Mulher é problema, né?

MIGUEL      Mas eu gosto de ter problemas. Só que na minha idade, fica mais difícil.

OTÁVIO      Quantos anos você tem?

MIGUEL      Sessenta e um.

OTÁVIO      E ainda está aí, brigando pelo país.

MIGUEL      Faço isso pelos meus três filhos.

OTÁVIO      Três mulheres, três filhos.

MIGUEL      Claro, um pra cada mulher. Por que mulher é o seguinte. Tudo corre bem até casar. Casou, corre mais ou menos até o primeiro filho. Depois do primeiro filho, se era merda, vira bosta. Se era bosta, vira cocô, se era cocô, vira diarreia. É neste estágio que se encontra nosso país. Nadando em diarreia!

OTÁVIO      Então. Você que é um cara vivido...

MIGUEL      Vivido não, fodido. Não esqueça que eu sou brasileiro.

OTÁVIO      Meu primo, coitado, é outro fodido. Ele estava aqui agora, mas teve que voltar pra casa. Os problemas de sempre. Parece que a gente vive pra ter problemas. A gente quer que tudo seja certinho, um casal feliz, mas é só problema. Veja você...



Você pode me ouvir um pouquinho?

MIGUEL Pode falar, ainda tem muita gente pra chegar.

OTÁVIO Então, como eu ia dizendo, aproveitando a sua experiência...

MIGUEL Vamos aqui pra debaixo da árvore. O sol está começando a esquentar. Quer uma água?

OTÁVIO Obrigado. Então, como eu ia te falando, eu estava com o meu primo, somos amigos, sempre rola um desabafo entre a gente.

MIGUEL Cadê seu primo?

OTÁVIO Eu te falei, ele teve que ir embora. Problemas lá com a mulher. *(Breve pausa.)* Você é contra casamento de veado?

MIGUEL Eu sou contra os veados.

OTÁVIO *(Relaxado e feliz.)* - Então você é dos meus, com você eu posso conversar. Falar um pouco dos problemas do meu primo. Eu sou novo ainda, não posso ajudar como ele precisa. Eu e minha esposa nos damos muito bem, eu não tenho essas experiências de problemas com mulher. Você... que teve tantas mulheres, que...

MIGUEL *(Interrompe.)* - Só três.

OTÁVIO Qual o seu nome?

MIGUEL Miguel.

OTÁVIO O meu é Otávio. Prazer. *(Estende a mão, cumprimentam-se.)* Eu de fato sou feliz no casamento. E quando a gente é feliz, fica mais difícil dar conselhos pros amigos. Meu primo não anda satisfeito com o casamento, é o que ele diz. Ele tem duas filhas, mocinhas já, uma vai fazer dezesseis anos, já está namorando.

MIGUEL Você também tem filha?

OTÁVIO Não. Graças a Deus, só filhos, homens, dois.

MIGUEL Ainda bem.

- OTÁVIO Então, deixa eu te contar. As coisas, como eu posso dizer..., as coisas pro meu primo andam saindo da linha. Ele anda percebendo que rola umas coisas diferentes lá em casa. Na casa dele! Ele tem duas filhas, uma é a Dorinha, a outra é a Cristiane, a mais nova, uma gracinha de menina. Poxa, a mulher deixou o meu primo sem almoço! Ele sustenta a mulher, dá tudo pra ela...
- MIGUEL Ela não trabalha.
- OTÁVIO Não.
- MIGUEL Mulher que fica em casa vira galinha.
- OTÁVIO Você acha?
- MIGUEL Tenho certeza.
- OTÁVIO Aí está o problema, eu falei isso pro meu primo. A mulher já não limpa a casa direito. Porra, essa semana ela foi pro shopping, o cara dá cartão de crédito, dá carro, ela foi pro shopping, meu primo chegou pra almoçar, cadê o almoço... prontinho,quentinho, na mesa? Só o bilhetezinho dizendo que a sobra do jantar estava na geladeira. Meu primo teve que comer sopa de batata requentada. No almoço!
- MIGUEL Pelo que eu estou vendo, seu primo logo vai ter que partir pra segunda mulher.
- OTÁVIO Eu não contei o principal, é aqui que a história do meu primo começa. O senhor que é um cara experiente, vou fazer pro senhor a mesma pergunta que o meu primo me fez. Se o senhor encontrasse na gaveta do armário da sua mulher, ali onde a sua mulher guarda as roupas íntimas, calcinhas, sutiãs, se o senhor encontrasse escondido ali na gaveta da sua mulher um pênis enorme, e ainda por cima preto, o que o senhor ia pensar da sua mulher?
- MIGUEL Ou o seu primo é um frouxo ou a mulher dele é uma vadia.
- OTÁVIO Eu conheço o meu primo, ele é macho.
- MIGUEL *(Cumprimentando alguém que está passando. Volta-se para*

*Otávio.*) - Qual o seu nome mesmo?

OTÁVIO Otávio.

MIGUEL Só um minutinho, Otávio. E aí, cara! *(Cumprimenta o transeunte.)* Não estou entendendo esse atraso. *(Ouve o interlocutor.)* Mas já está passando das onze. Esses baderneiros estão assustando nossa gente. Cadê a polícia pra descer o cacete neles? Isso aqui é protesto pacífico, nós estamos discutindo o futuro do país. *(Ouve.)* Concordo. Vamos puxar a fila, senão o atraso vai ser ainda maior. *(Vai saindo, sem olhar para trás, conversando com o amigo.)*

OTÁVIO *(Em tom de ordem.)* - Miguel! *(Miguel volta-se para Otávio.)* Você está conversando comigo, como é que você vai saindo assim?

MIGUEL Porra, e lá eu sou obrigado a conversar contigo, cara. Vai se foder!

### CENA III

*(Alguns minutos depois, na mesma praça.)*

POLICIAL *(Otávio caminha a esmo, carregando a bandeira do Brasil de forma displicente. Esbarra, de propósito, em um policial militar, que vinha na direção contrária.)* - Que é isso, cidadão?

OTÁVIO Desculpa! É que... *(Vai saindo e volta.)* É que eu estou um pouco preocupado com o meu primo. O senhor me desculpa. Eu estava ali conversando com ele, agorinha. Ele teve que ir embora. A gente vê cada coisa estranha.

POLICIAL Qual a ocorrência, cidadão?

OTÁVIO Talvez o senhor possa me ajudar.

- POLICIAL Se o senhor me relatar o problema.
- OTÁVIO O senhor é a favor dos policiais darem porrada em arruaceiros? Como, por exemplo, esses professores, que em vez de ficarem na sala de aula, vão pra rua fazer baderna...?
- POLICIAL Sou um policial, não posso emitir esse tipo de opinião, senhor.
- OTÁVIO O senhor também é um cidadão.
- POLICIAL Neste momento, eu estou fardado, fazendo a segurança da praça.
- OTÁVIO Se o senhor não estivesse fardado?
- POLICIAL Como o senhor pode verificar, eu estou fardado.
- OTÁVIO Então... Imagina que agora é um sábado à tardinha, o senhor está de folga, num boteco, tomando cerveja com os amigos.
- POLICIAL Bem... Neste caso, cidadão, se eu estiver de folga, sem farda, num boteco, sábado à tarde, lá, naquele local, vou poder dizer que sou a favor de dar porrada em baderneiro que rompe a ordem social.
- OTÁVIO Beleza! Então o senhor é dos meus, assim eu posso me abrir com o senhor. O senhor é autoridade e vai poder me ajudar. Bem. Como eu falei. Eu acabei de conversar com meu primo, gente boa, dos nossos. Ele me contou uma história no mínimo estranha. Ele estava no banheiro do casal, dele e da esposa, ele é casado, e de repente ele encontra uma coisa suspeita escondida no armário.
- POLICIAL Droga? Arma?
- OTÁVIO Um artefato...
- POLICIAL Explosivo?
- OTÁVIO Não! Não, tudo em paz. Quer dizer. Paz não tem. Já que a mulher do meu primo esconde um pênis masculino dentro de casa!

- POLICIAL Isso é grave, cidadão.
- OTÁVIO O senhor que é um cidadão da lei, faço pro senhor a mesma pergunta que o meu primo me fez. Se fosse o senhor, numa situação dessa, com a sua mulher, o que o senhor faria?
- POLICIAL *(Em tom duro.)* - O senhor está suspeitando de mim? O senhor está achando que eu me prestaria a uma situação desta? Minha mulher não é vadia, cidadão, a do seu amigo pode ser, a minha não!
- OTÁVIO Desculpa, eu não quis ofendê-lo. Mas... o que eu quero saber... Ela tem que ser vadia?
- POLICIAL Vadia é modo de dizer. Nem sempre podemos prejudicar as pessoas, já que os vetores e as interferências em cada caso definem o julgamento específico, mas neste caso, em particular, não vejo qualquer alibi que venha salvar a situação de conduta duvidosa da esposa. Se a mulher guarda um artefato sexual masculino em casa, sem autorização do marido, e mais, o que é grave, à revelia do mesmo, acredito que estamos diante de algo pernicioso, virulento, que pode com certeza levar à desestabilização do casamento e, portanto, a outras desestabilizações.
- OTÁVIO Cabe uma porrada, não é isso?
- POLICIAL Na mulher?
- OTÁVIO Só pode ser na mulher.
- POLICIAL Cidadão! Eu estou fardado e como autoridade policial, preceptor da ordem e da imagem precária, mas não menos justa, da justiça, tenho que me abster de dar qualquer opinião que vá contra a pressuposta ordem social.
- OTÁVIO Mas... o senhor também é um cidadão, um homem da sociedade, marido amante, pai dedicado, com certeza tem opinião formada sobre a natureza promíscua das relações humanas.
- POLICIAL Neste momento, infelizmente, eu estou fardado.

- OTÁVIO Mas imagina que agora é um sábado à tardinha, o senhor está de folga, num boteco...
- POLICIAL (*Ansioso, interrompe.*) - Bem. Neste caso, cidadão, dada a sua insistência e à necessidade de esclarecimentos a respeito da situação do seu amigo...
- OTÁVIO Primo!
- POLICIAL Pois, então. Se eu estivesse de folga, sem farda, num boteco, sábado à tarde, vou poder dizer o seguinte. Mesmo que alguns defendam o diálogo, a explicação, a ponderação, sou a favor da porrada corretiva. Diferente dos tribunais formais, onde o crime tem que ser provado, numa relação entre homem e mulher não cabe esse tipo de tribunal, vez que a conversa encaminhará o desfecho para uma situação ambígua, onde o marido, vendo a mulher culpada, portanto, vadia, já não terá controle do impulso da raiva em seu momento mais tenso, elemento indispensável para desferir os inevitáveis golpes. É assim que se encaminha a situação lá na minha terra, de onde eu vim, cidadão! Não se bate em mulher por que se quer, bate-se porque o pressuposto da culpa antecede qualquer possibilidade de inocência. Não há álibi, cidadão! O artefato sexual está lá, escondido na gaveta. E olha que, apesar de policial, sou formado em direto e nos livros tentei encontrar uma solução mais pacífica para casos como este. Não encontrei. (*Enfático.*) Sem falar na possibilidade de uma situação muito pior.
- OTÁVIO (*Agoniado.*) - Que situação, cidadão policial?
- POLICIAL Quem garante que seu primo não é corno? Ou, pelo menos, um futuro corno?
- OTÁVIO Não pode ser. Meu primo tem pulso firme, ele controla a família com um olhar!
- POLICIAL (*Faz-se solene.*) - Me permite, cidadão, tenho que vestir a farda. Não posso me deter em conversas com transeuntes. Permita-me seguir meu caminho. Passe bem. (*Sai, brandindo com raiva um cacete.*)

## CENA IV

*(Alguns instantes depois, na mesma praça.)*

OTÁVIO *(Depara-se com seu colega de empresa, que lhe bate às costas. Volta-se. Feliz.)* - Ricardo! Que bom te encontrar, cara!

RICARDO *(Cumprimentam-se.)* - Tavinho! Eu é que pergunto. O que você anda fazendo por aqui?

OTÁVIO Temos que fazer alguma coisa por esse país. Afinal, não podemos ficar parados, feito idiotas.

RICARDO Eu estou gostando de ver. Está sozinho?

OTÁVIO *(Vacila.)* - Sim... Quer dizer. Na verdade, eu estava conversando com um amigo. Um conhecido! Cara legal, o Trancoso. Conhece o Trancoso?

RICARDO *(Tentando se lembrar.)* - Não... Acho que não.

OTÁVIO De fato, você não conhece. Ele acabou de sair. Teve que ir embora. Está com uns problemas lá em casa. Estava aí, desabafando pra mim. Anda desconfiado da mulher.

RICARDO *(Vibrando, interessado.)* - Opa! Mais uma fogosa no pedaço.

OTÁVIO Então... A mulher anda sacaneando o cara. E não é pouco não. O Trancoso faz tudo por ela. A mulher não trabalha, fica pra cuidar da casa, das duas filhas, ele tem duas filhas, ele bota juízo em casa, mas olha só o que a mulher anda fazendo com ele. Esses dias... - ele me contando! -, esses dias ele foi pegar uma camisa no armário, pra ir trabalhar, gravata, tudo, pega a camisa, está sem passar. Foi reclamar com a mulher. A mulher mandou ele pegar outra. Também estava sem passar! *(Com raiva.)* E a outra também!

RICARDO Alguém anda vacilando nessa história.

- OTÁVIO Isso é só o começo.
- RICARDO Ihh, caralho!
- OTÁVIO O vacilo está na mulher, lógico! Eu conheço o Trancoso. Ele não é de deixar a peteca cair. (*Apressa-se, nervoso.*) Deixa eu te falar. Eu não sou um cara muito experiente nessas coisas não. Você que é meu braço direito lá na empresa, meu homem de confiança, quem sabe você tem umas ideias esclarecedoras pra me ajudar. Eu prometi pro Trancoso... Calma, eu disse pra ele, nós vamos esclarecer isso tudo. Pode ser só uma coisa da sua cabeça. No fundo, não está acontecendo nada de errado. O cara é gente boa. Ocupa um bom cargo numa empresa.
- RICARDO Chefia.
- OTÁVIO Que nem eu, mais ou menos. Até na idade.
- RICARDO E a mulher dele? É bonita?
- OTÁVIO Bonita é pouco!
- RICARDO Então esse cara não está valendo nada.
- OTÁVIO Como... Não valendo nada...? O cara é pulso firme, segue tudo à risca, não deixa faltar nada, faz tudo por ela. A mulher, nem almoço mais ela está fazendo pra ele.
- RICARDO Se essa mulher não está gastando tempo com o marido, pode escrever, ela está gastando o tempo com outro.
- OTÁVIO (*Nervoso.*) - Você acha?
- RICARDO Eu conheço, de longe!
- OTÁVIO (*Indignado.*) - Ele não merece!
- RICARDO O casamento vai entrando numa rotina. É como uma folha de papel escrita. Vai desbotando, e chega uma hora que ninguém consegue enxergar as letras. Nada! Não tem novidade. Tudo é um saco. Por isso que eu sou solteiro! Livre! Entro e saio à hora que eu quiser. Encheu o saco, estou fora! E cara, uma delícia essas rotinas no casamento. Sabe por quê? Sobra pra



mim. De vez em quando aparecem umas casadinhas, sacou? Viva a rotina, Tavinho! Melhor pra nós!

OTÁVIO Então... Eu ainda nem te contei o problema de verdade.

RICARDO Não contou, mas eu posso imaginar.

OTÁVIO Você já sabe?

RICARDO O quê?

OTÁVIO Do problema.

RICARDO Desembucha, cara! Eu estou aqui pra te ouvir! (*Em alerta.*) Vem cá. Não vai me dizer que você anda comendo a mulher desse seu amigo.

OTÁVIO (*Reage, afastando-se.*) - Não!

RICARDO Só pela sua reação, já saquei. Está comendo.

OTÁVIO (*Irritado.*) - Não é esse o problema, Ricardo!

RICARDO (*Impaciente.*) - Cacilda, esse troço está muito enrolado.

OTÁVIO (*Exaltado.*) - Deixa eu te falar. O cara, o Trancoso, encontrou um pênis artificial, grande, preto, escondido na gaveta do armário da mulher.

RICARDO Caralho! Uma piroca?

OTÁVIO Esse meu amigo está simplesmente passado, ele não sabe o que fazer. Eu sinto que pode acontecer alguma coisa grave.

RICARDO Ela está usando a piroca.

OTÁVIO (*Surpreso.*) - Como assim, usando?

RICARDO Enfiando, lá! Movimentando, masturbando! Tavinho, acorda! Essa mulher está disponível no mercado, não sacou não? (*Maroto.*) Lógico que você sacou. Eu conheço você. Você é dos meus. Você está de rolo, eu estou percebendo. Ainda bem que eu sou solteiro. (*Dá um tapinha no braço do Otávio.*) Não corro o risco de ser corneado pelo meu melhor amigo. E

o pobre desse coitado... Como é que é o nome dele?

OTÁVIO Trancoso.

RICARDO Esse pobre coitado vem pedir ajuda bem pro amante da mulher, bem pro cara que está botando a galhada nele. Você não tem uma foto da mulher aí? Como é que ela é? Vai, me conta!

OTÁVIO *(Nervoso.)* - Você pode me ouvir?

RICARDO Está nervoso, cara!

OTÁVIO O que é que você faria no lugar dele?

RICARDO O que eu faria? Porra, não sei! Eu não me casei justamente pra não ter que responder a esse tipo de pergunta.

OTÁVIO Mas você é um cara experiente, você já viu muita coisa.

RICARDO Você disse que ela é bonita.

OTÁVIO E lá eu sei! E lá eu sei se ela é bonita?

RICARDO Você me disse que ela era.

OTÁVIO Eu disse. Sim! Ela é bonita. Você conhece a minha mulher, a Valéria.

RICARDO Com todo respeito.

OTÁVIO Então! Na mesma linha. Alta, um corpinho bem resolvido, gostosa.

RICARDO Estou na fila. Se você não quiser, passa pra mim. Gosto de fazer homem casado virar corno. Que foi? Você está agitado! Está passando mal?

OTÁVIO Eu só estou aqui pensando. Não pode ser. Ela sempre foi uma mulher recatada, quieta, bem na dela. O marido é pulso firme, nada de ficar se mostrando. O que é que pode ter acontecido?

RICARDO Simples. Pintou um outro cara. Isso acontece. Você só não me disse ainda se esse cara que está comendo a belezinha é

ocê. Agora, uma coisa é certa. Tem cacete na jogada.

OTÁVIO Mas, por que então aquele... aquele... O que é que aquele pênis preto está fazendo lá em casa?

RICARDO Na sua casa?

OTÁVIO *(Brabo com o amigo.)* - Essa foi a pergunta que o Trancoso me fez. E eu não soube responder. Qual é a do pênis preto, porra! Ele me deu um prazo, hoje é domingo, até hoje à noite ele quer uma resposta.

RICARDO Ele chegou a mulher na conversa?

OTÁVIO Ainda não. Mas hoje à noite é o limite pra tudo ser esclarecido.

RICARDO Tavinho, eu estou com medo. Esse seu amigo, pelo jeito, anda muito nervoso. E corno com raiva não é flor pra se cheirar. Se eu fosse você, eu dava uns conselhos pra esse tal de Trancoso. Sexo é uma coisa muito boa. Ele não é feito pra trazer desgraça. Dá uns conselhos pra esse cara.

OTÁVIO *(Quase gritando.)* - Mas que conselho? Que conselho se pode dar diante de um pênis preto? Desse tamanho? Eu não vou me sentir culpado se ele der umas porradas na mulher! E se ele quebrar o pescoço dela?

RICARDO *(Em tom sonhador.)* - Porra, essa mulher deve ser muito gostosa.

OTÁVIO A galera já está subindo pra avenida. Vamos embora. Já são quase meio-dia, daqui a pouco eu tenho que ir pra casa almoçar. Já estou com fome. *(Saindo.)*

RICARDO *(Alcançando Otávio.)* - Vamos comer qualquer coisa por aqui.

OTÁVIO Onde, cara?

RICARDO Na casa do Trancoso. Que tal?

OTÁVIO *(Tom duríssimo, irritado.)* - Lá, não!

## ATO III

### CENA I

*(Na sala da casa de Helena.)*

HELENA *(Valéria entra. Usa chapéu e óculos escuros, está visivelmente abatida.)* - Não acredito! Apanhou de novo.

VALÉRIA Fala baixo, ninguém precisa ficar sabendo.

HELENA Você tem que denunciar esse homem.

VALÉRIA Coisa à-toa.

HELENA Como coisa à toa! Deixa eu ver.

VALÉRIA *(Afastando-se.)* - Não.

HELENA Olha o seu braço!

VALÉRIA Isso eu bati numa quina. Você sabe que eu sou desastrada.

HELENA Bateu o olho na quina também? Pelo jeito, a briga foi feia.

VALÉRIA Odeio aquele homem.

HELENA Você já me falou isso. Muda o disco.

VALÉRIA Tem coisa pior que o ódio?

HELENA Você não precisa odiar. É só cair fora.

- VALÉRIA Você sabe que eu não consigo.
- HELENA Procura ajuda.
- VALÉRIA Tem coisas que não cabem ajuda. Ou é, ou não é.
- HELENA Prefere ficar nessa vida.
- VALÉRIA Eu vou esperar as meninas crescerem.
- HELENA *(Irrita-se.)* - Enquanto elas não crescem, você vai levando porrada! Colecionando olho roxo. Dorinha já cresceu.
- VALÉRIA Cristiane só tem onze anos. Ainda por cima, é apegada ao pai.
- HELENA O que esse homem pensa da vida? Quem ele acha que é?
- VALÉRIA *(Censurando.)* - Fala baixo.
- HELENA Eu vou denunciar o Tavinho.
- VALÉRIA Nem sonha em fazer isso.
- HELENA Eu posso fazer.
- VALÉRIA Quer assinar o meu atestado de óbito?
- HELENA Valéria, pra que esse medo? Vai à delegacia!
- VALÉRIA Minha vida não tem saída, Helena. Vou continuar casada.
- HELENA Nesse caso, encerro por aqui minha seção de ajuda.
- VALÉRIA *(Pausa.)* - Uma coisa estranha anda acontecendo comigo.
- HELENA Só uma?
- VALÉRIA Você quer me ouvir?
- HELENA Desculpa, eu estou irritada. Eu não gosto de gente que fica patinando no mesmo lugar.
- VALÉRIA E você acha que é fácil sair do lugar.
- HELENA Não é fácil. Mas só que a saída está bem na sua frente,

esfregando na sua cara. Casamento não é prisão, você não está condenada a ficar casada, ninguém é condenado a ficar o resto da vida com alguém.

VALÉRIA Olha só quem está falando.

HELENA Quem está sentada no banco dos réus é você. Portanto, não vamos desviar o assunto.

VALÉRIA *(Silêncio.)* - Helena, eu só quero que você me escute.

HELENA Eu estou te ouvindo desde que você chegou.

VALÉRIA Até agora você só falou.

HELENA Falei, mas não adiantou nada. O que foi?

VALÉRIA Nem sei se eu quero conversar.

HELENA Você precisa conversar. É o mínimo. Pelo menos, pra não ficar tão machucada.

VALÉRIA Alguma coisa mudou na minha vida. Mudou. E eu não sei o que fazer com essa mudança. Esse é o problema.

HELENA E o que foi que mudou?

VALÉRIA Eu tenho desejado a morte do Otávio.

HELENA É mais fácil cair fora.

VALÉRIA Eu sinto que não dá mais pra ficar no mesmo lugar. Algo se mexeu. E esse foi o motivo da briga.

HELENA Não precisa ficar nervosa.

VALÉRIA Eu não estou nervosa, Helena!

HELENA É só olhar pra você.

VALÉRIA Helena, minha amiga, daria pra você só me ouvir. Em vez de ficar aí me criticando.

HELENA Está bem. Não precisa ficar chateada.

- VALÉRIA *(Irritada.)* - Eu não estou chateada!
- HELENA Quer tomar um café?
- VALÉRIA Não, obrigada.
- HELENA Fala. Eu estou ouvindo.
- VALÉRIA O Otávio encontrou... Como é que eu posso dizer... Eu tenho guardado em casa um pinto de borracha. E o Tavinho achou o pinto.
- HELENA Uau-uau-uau! Valéria...!
- VALÉRIA Desse tamanho. E, ainda por cima, preto.
- HELENA Minha amiga, você superou as expectativas.
- VALÉRIA Entende agora por que eu mereci levar as porradas?
- HELENA Ninguém merece levar porrada desse jeito. Seja lá qual for a razão.
- VALÉRIA Mas eu levei. Bem feito! Pra eu aprender.
- HELENA Pelo jeito, mereceu.
- VALÉRIA Faz quase um mês que ele descobriu. Não foi ontem.
- HELENA E ele não falou nada esse tempo todo?
- VALÉRIA Não.
- HELENA E como é que você sabia que ele sabia do pinto?
- VALÉRIA A gaveta estava remexida. O pinto estava escondido debaixo das calcinhas. Eu sempre tomei muito cuidado. Mas um dia, o negócio estava lá, à mostra. É óbvio que ele tinha visto. Eu fiquei esperando que ele viesse falar comigo, me preparei pra briga, mas ele não falou nada. Até ontem.
- HELENA Você acha que ele pegou?
- VALÉRIA Não sei. Só sei que o desgraçado continuou caladinho, como

se nada tivesse acontecido. E, óbvio, eu escondi o pinto em outro lugar. Ontem foi um daqueles dias que ele bebeu além da conta. Chegou em casa disposto a discutir o pinto. Eu estava no banheiro. Ouvi ele gritar lá do quarto. Cadê aquele negócio que estava aqui na gaveta? Que negócio? Eu não sei de negócio nenhum. Porra, você sabe do que eu estou falando. Não faça a menor idéia do que você está falando. Onde é que foi parar aquela piroca preta que estava aqui na gaveta? Aí eu fiquei indignada. Que história é essa de piroca preta, Tavinho? Ficou maluco? O que é que você está insinuando? Helena, ele me olhou, como se eu fosse um E.T. Mas a cara de bunda dele não durou cinco segundos. Quer dizer que a vadia não se lembra da piroca preta? Eu não sou vadia. Parti pra cima dele, Helena! Eu fui pra briga, primeiro! Eu nunca tinha feito isso em todos esses anos de casada. Eu levei meu primeiro tapa na cara ainda na lua de mel. Mas ontem foi a minha vez. Nunca me senti tão mulher.

HELENA Neste caso, todas as mulheres deviam fazer judô, caratê, taekwondo!

VALÉRIA Pra dar um tabefe não precisa nada disso.

HELENA E o pinto?

VALÉRIA *(Ri.)* - Fiz ele acreditar que tudo tinha sido uma alucinação.

HELENA Como assim?

VALÉRIA Tavinho é um homem ciumento. Não é difícil ele criar a ilusão de que está vendo um pinto escondido numa gaveta. Ele não acreditou na história, mas eu neguei o pinto até a última porrada. E ele gritava. Eu vou te pregar num pau-de-arara, sua vadia! E eu repetia. Prega, vagabundo!

HELENA Iahuuuu! Minha heroína! *(Na dúvida.)* O pinto existe.

VALÉRIA Lógico!

HELENA O que é que você vai fazer com ele?

VALÉRIA O que eu tenho feito ultimamente. Usar.



- HELENA      Você teve coragem!
- VALÉRIA     Qual o problema, não posso? É pecado?
- HELENA      Como é que isso foi parar nas suas mãos? Não me diga que você comprou.
- VALÉRIA     Pois eu te digo. Foi a primeira vez que eu tive um orgasmo na minha vida. A primeira! Nunca imaginei que aquilo fosse tão bom! (*Leve ironia.*) Ficou interessada.
- HELENA      Eu só estou ouvindo.
- VALÉRIA     Eu fazia parte da estatística daquelas mulheres que nem olham pra própria perereca. Sabe o que foi que eu percebi? Quando você tem a coisa na mão, você usa ela como você quer, no ritmo que você precisa, a posição certinha, a coisa não é do homem, homem é bom, mas você não manda no homem, você não consegue fazer com que o seu marido faça a coisa exatamente como você quer e gosta. Com o troço na sua mão, quem manda é você.
- HELENA      Você ainda não me contou como é que você conseguiu essa coisa.
- VALÉRIA     Eu chego lá, eu vou te contar. Mas antes deixa eu te dizer outra coisa. O pinto estava lá, guardadinho. Você acha que eu tinha coragem de usar? Aquilo não era uma tentativa, era um fantasma! Tinha vontade, muita, não nego, mas, e a coragem? Enfiar aquilo no meu corpo, com as minhas mãos! Era como se estivesse traindo o Tavinho. Até hoje eu fico na dúvida, se é traição ou não. Você já experimentou?
- HELENA      (*Evitando o constrangimento.*) - Não!
- VALÉRIA     Não quer experimentar?
- HELENA      Eu acho que você está indo pelo caminho errado. O homem é insubstituível. É a natureza.
- VALÉRIA     Está me censurando, amiga?
- HELENA      O problema é que eu olho pra você e vejo o seu olho roxo.

- VALÉRIA Não sei se esse olho roxo tem tanta importância agora. É só uma questão de me livrar do Tavinho. (*Apressa-se.*) Mas não é sobre isso que eu quero falar agora. Eu quero contar como foi que eu comecei a usar o pinto. Foi quando o Tavinho descobriu. Já estava ali guardado fazia uns três meses, no mínimo. Só pra você ter uma idéia da minha falta de coragem. Mas quando eu tive certeza de que ele sabia de tudo, de que ele ficava me rondando, com aquele comportamento estranho, covarde, mentiroso, aí eu falei. Valéria, chegou a hora!
- HELENA Só não estou entendendo por que o Tavinho não falava nada.
- VALÉRIA Talvez seja essa a causa do meu tesão. Perdia o controle, Helena. A covardia do Tavinho me excitava, me dava forças!
- HELENA Isso é loucura!
- VALÉRIA Será que é loucura mesmo? Eu tinha uma necessidade incrível de provocá-lo. Eu queria saber até onde ele ia fingir que nada estava acontecendo. Não passo mais as camisas dele. Coloco no cabide, amassada. E ele não fala nada. Deixei ele sem almoço várias vezes. Fui ao shopping. Reclamou, esperneou, mas nem tocava no assunto do pinto.
- HELENA Você queria que ele explodisse.
- VALÉRIA Eu queria que ele fosse homem! (*Pausa.*) Minha amiga, eu já não sou a mesma mulher, eu só não sei ainda o que eu vou fazer com essa mudança. O que me assusta é o ódio que eu tenho do Tavinho. Ódio e medo. Mas o medo já não é o principal sentimento. Só quando eu tive o meu primeiro orgasmo foi que eu percebi o quanto eu odiava aquele homem. O quanto eu odeio. Mas eu olho pras minhas filhas, e parece que o ódio se esconde de mim. Uma coisa esquisita. É como se o ódio tivesse medo das meninas e se escondesse. Não é certo ter ódio do pai delas. (*Desestabiliza-se.*) Fica um vazio terrível dentro de mim. E cada vez que eu uso o pinto e tenho prazer, parece que o vazio aumenta. Eu devia ficar feliz. Eu fico feliz. Só que eu não sei o que fazer com a felicidade! Toda vez que eu faço almoço, a vontade que eu tenho, é de colocar veneno na comida. Ir com as meninas pro shopping, e deixar lá a mesa do almoço posta pra ele,

bonitinha, estrogonofê de frango com champignon, que ele adora, envenenado! E ao lado um singelo bilheteinho, dizendo: bom apetite, amor! Eu só desejo uma coisa hoje em dia. A liberdade. Mas eu acho que ela seja impossível. Pra mim. Talvez pra maioria de nós mulheres. Como ser livre sem me sentir culpada?

HELENA Como é que essa coisa foi parar dentro da sua casa, Valéria?

VALÉRIA Tudo bem. Eu vou contar pra você.

HELENA (*Nervosa.*) - Quer tomar alguma coisa?

VALÉRIA Não, obrigada. (*Silêncio.*) Eu vou contar. E você vai ver que eu não tive culpa nenhuma, (*Ressentida.*) que não sou dessas mulheres que você está pensando. (*Olhando para dentro da bolsa.*) Ganhei numa rifa.

HELENA Rifa?!

VALÉRIA Eu não fui lá e comprei uma rifa pra ganhar um pinto. A iniciativa não foi minha! Até então nunca havia passado pela minha cabeça ter um pinto de borracha dentro da minha casa. / Foi numa despedida de solteira da amiga de uma amiga minha que tudo aconteceu. Ela tanto insistiu que eu resolvi ir nessa festinha. / Óbvio, tive que mentir pro Otávio. Imagina se ele ia aceitar. Eu, Valéria, mãe de duas meninas, bem casada, indo à festa de despedida de solteira da Jussara, que eu nunca tinha visto nem mais gorda, e que eu provavelmente iria encontrar lá um macho alfa mostrando coxas e pinto pra um bando de mulheres excitadas! / (*Pausa.*) Eu cheguei um pouco tarde, estavam todas lá, numa enorme sala, bebendo e conversando. Me sentei a um canto, me ofereceram caipirinha de vodka, confesso, gosto de tomar, mas sempre evito tomar na frente do Tavinho, e principalmente das meninas, você sabe, pra não dar mal exemplo. / Eu acho que eu era a mais velha ali. E eu só tenho trinta e cinco anos! / Aí, numa dada hora, uma das mulheres, a Verinha, que eu já conhecia, muito desbocada, por sinal, divertida, ela se levantou e pediu silêncio.

## CENA II

*(Numa sala ampla, de apartamento.)*

VERINHA Gente, gente! Atenção! Vamos começar o sorteio. Eu estou um pouco bêbada, mas dá pra falar. Quem ainda não estiver bêbada, não é mulher de verdade. Daquelas, pau pra toda hora! *(Ri.)* A Valerinha, desde que chegou, ainda está na primeira dose de caipirinha. Você está nos enganando, Valerinha! Eu estou de olho em você.

VALÉRIA *(Aparte, para Helena.)* - Minha meta era tomar duas.

VERINHA Gente, eu já estou na quarta dose. Será que eu chego na décima? *(Balbúrdia.)* Por favor, eu preciso da atenção de vocês. Um minuto! *(Espera.)* Meninas, peço silêncio. Ai, meu Deus! Somos todas meninas ainda. Meninas carentes, querendo um colinho de um macho. *(Pausa.)* Aí, gente! A Isabel foi direto ao ponto. Meninas carentes de uma piroca de verdade. Mas... Escutem bem! Na falta de uma piroca de verdade, olhem pra isso, *(Exibe um pênis de borracha.)* meninas mulheres safadas e independentes, e muito gostosas, porque somos todas gostosas, temos uma boceta, então somos gostosas, não é isso, meninas? Olha que delícia! Algum namorado tem algo igual? Algum marido? / *(Silêncio.)* Por que esse silêncio? Isso é constrangedor... Bem. Em homenagem a todas as mulheres do mundo, em especial às mulheres que aqui estão - somos em quantas? Quinze? Quinze mulheres safadas querendo ser comidas por essa coisa gostosa. Atenção! Silêncio! Sem tumultuar. Nessa linda festa de despedida de solteira da Jussara, afinal, a Jussara encontrou o seu príncipe... *(Risadas.)* Por que é que estão rindo? Sim, ela encontrou a sua piroca. Como a nossa amiga Jussara não vai mais precisar desta *(Exibe o pênis.)*, já que ela vai ter a sua, *in natura*, vamos sortear esta linda piroca, tudo bem? Ela resolveu sortear pras amigas! *(Silêncio.)* Brincadeira...! Informo que esta piroca nunca foi usada. Novinha em folha. Será usada hoje! Dizem que passa dos vinte centímetros, e o mais importante, é preta! Imaginem!

Um belo negão? Um metro e noventa? Quem aqui já experimentou uma piroca preta? *(Pausa.)* Meninas, pra que tanto segredo? Pois, eu já! E digo pra vocês. Não percam! *(Pausa.)* Eu sei, eu já estou falando demais. Como essa piroca é algo muito especial, nós resolvemos dar uma sofisticada no sorteio. Pra dar mais suspense. Pra demorar mais. Pra podermos falar muita besteira. Neste saquinho está o nome de todas nós. Quinze nomes. O nome da Jussara também. Mas ela não terá direito à piroca. Ela já vai ganhar uma! Então, se for sorteada, ela vai doar pra uma de nós. Ela escolherá. De preferência, a mais recatada. Que, no caso, não sou eu! *(Risadas.)* É verdade, podem rir. Mulheres recatadas não têm mais lugar neste mundo. Neste outro saquinho tem uma numeração de um a quinze. Eu vou distribuir um número pra cada uma de vocês. Ganhará quem for sorteada na ordem do número. Eu explico. Calma, gente! Eu estou entregando o número um para a Lurdinha. Pra ela ganhar, o nome dela tem que sair na primeira vez que pegarmos um nome do saquinho. Se o nome dela não sair, ela não ganha mais. Não nesta rodada. *(Distribuindo.)* Número dois pra você, Clara, três pra você, Nicole, quatro pra você, cinco... seis... sete... oito pra Glorinha, nove, dez pra você, onze pra Valerinha, não, a Valerinha vai ficar com o número treze, por que eu sei que ela não vai querer ganhar a piroca. O onze vai pra Beatriz. Doze pra você. Treze pra Valerinha, boa sorte, Valerinha, você está precisando muito, quatorze pra Jussara, e quinze pra mim! Eu sou a última! Como vêem, não estou muito interessada em ganhar! Mas se alguém ganhar e não estiver interessada, pode me dar que eu aceito. Minha boceta agradecerá! Alguém tem alguma dúvida? *(Silêncio, ouve alguém interpelar.)* Concordo, é difícilimo! Provavelmente, ninguém ganhará na primeira rodada. Talvez nem na segunda, nem na terceira... Mas essa é a brincadeira. A demora é só um pretexto pra gente ficar se divertindo! Afinal, viemos até aqui pra nos divertir. Quando a gente ficar muita excitada, vamos pro sorteio normal. Tira um nome, quem sair, leva a piroca, *(Insinuante.)* literalmente! Aqui não tem homem, podemos fazer o que quisermos. À merda os namorados, os amantes e os maridos! Aqui nós somos mulheres cem por cento! Viva as nossas bocetas!

VALÉRIA *(Aparte.)* - Foi muito divertido. Foi um dos momentos mais

descontraídos da minha vida. Muito tempo que eu não tinha momentos como aqueles. Não havia censura, algumas falavam palavrões como se estivessem rezando. Bebi três caipirinhas de vodka. Três! Meu recorde! Fiquei girando feito um passarinho sem asa. Meu Deus, se o Tavinho me visse daquele jeito, ele ia me matar. E o sorteio foi indo, até chegar a minha vez, número treze. Faltava eu, a Jussara, e a Verinha. Os nomes da Jussara e da Verinha já tinham sido sorteados. Só o meu que não.

- VERINHA Gente, não estou enxergando mais nada. Olha o que eu vou dizer. Fizeram uma pesquisa e chegaram à conclusão que as pirocas pretas são as mais eficientes pra provocar orgasmo nas mulheres, nas tímidas e nas safadas. Portanto, meninas, comprem uma piroca preta e tenham orgasmo garantido! Quem é o número treze? Gente! A Valerinha! Valerinha, você vai ganhar. Gente, todo mundo comigo. Já ganhou! Já ganhou! Já ganhou! O Tavinho, aquele gato do seu marido, nunca vai te oferecer isso! Ou será que ele tem uma igual a essa?
- VALÉRIA (*Aparte.*) - Eu estava nervosa, a Verinha estava bêbada, não tinha limites.
- VERINHA Eu acho o seu marido um gatão! Me perdoe a franqueza. Quando você não quiser mais ele, passe pra mim!
- VALÉRIA Se eu ganhar, já é seu.
- VERINHA O Tavinho?
- VALÉRIA Vai de brinde. (*Aparte.*) Não sei por que eu falei aquilo, amiga, mas foi a primeira vez que eu falei daquele jeito do Tavinho. Eu estava oferecendo o Tavinho pra Verinha, uma mulher sem classe, descaracterizada. E digo. Hoje eu ofereço de bom grado, pra quem quiser. Pode levar, Verinha! Ela vai ver o que ela vai encontrar.
- VERINHA Gente, o que vocês acham? A Valerinha deve doar a piroca, ou deve enfiar na boceta?
- VALÉRIA (*Aparte.*) - Pensei aqui comigo, Helena. Eu vou ganhar. (*Desafiadora.*) Eu queria ganhar!

- VERINHA Ela acha que não vai ganhar, mas a sorte é amiga de todos.
- VALÉRIA (*Aparte.*) - E eu rezava. Eu vou ganhar... Você vai tirar o meu nome, Verinha!
- VERINHA Se você ganhar, você vai prometer uma coisa. Você vai usar a piroca aqui, na frente de todas nós.
- VALÉRIA (*Aparte.*) - Fiquei tão nervosa, que comecei a tremer. Achei o tom dela ameaçador.
- VERINHA Boa idéia, quem ganhar vai ter que usar! (*Alguém a interpela.*) Na frente de todas, por que não? Sozinha no quarto não tem graça. Você pode fingir. (*Alguém a interpela.*) Está bem, não vamos ser tão obscenas. (*Pausa.*) Quem quiser usar no quarto, vai ter que levar duas de nós. Mas nós vamos escolher quem vai. Combinado? Olha, uma aviso! Se alguém tiver dificuldade em usar, pode me chamar. Ela é meio grossinha, pode ser que precise de uma lubrificação extra. Ela é mais grossa que o do seu marido, Valéria? (*Silêncio. Séria.*) Valerinha, não precisa ficar séria, isso tudo aqui é brincadeira. Não esqueça. Você é mulher! Portanto, dona de uma boceta! (*Pausa.*) Parei por aqui. Vamos ao sorteio?
- VALÉRIA (*Aparte.*) - Não preciso dizer que fui a sorteada. Entrei em pânico. Meu Deus! Aquilo estava nas minhas mãos. Era meu!
- VERINHA Tinha que ser Valerinha pra estragar a nossa festa. A sortuda ganhou de primeira.
- VALÉRIA (*Aparte.*) - Foi meu primeiro impulso. Me levantei e gritei. Estou doando, quem quer? Houve muita confusão. E eu me perguntava. Por que é que você está fazendo isso com você, Valéria? Você está querendo a piroca. Por que não ficar com ela? Aí a Verinha falou...
- VERINHA Todo mundo está querendo a piroca.
- VALÉRIA (*Aparte.*) - ... em um tom muito ríspido.
- VERINHA (*Querendo pegar a piroca.*) - Me devolve aqui, nós vamos sortear de novo.

- VALÉRIA *(Recua.)* - Não!
- VERINHA *(Silêncio.)* - Você disse que não queria, sua bobona!
- VALÉRIA Mas agora eu quero.
- VERINHA Qual é a condição pra ficar com a piroca, gente?
- VALÉRIA Eu não vou usar!
- VERINHA Foi o combinado.
- VALÉRIA Eu não vou devolver.
- VERINHA Vai fazer o que com ela? Uma macarronada?
- VALÉRIA *(Aparte.)* - Todo mundo riu. *(Para Verinha.)* Eu vou levar pra casa, é meu!
- VERINHA Eu vou contar pro Tavinho.
- VALÉRIA Pode contar! *(Aparte.)* Foi um momento constrangedor. Peguei a minha bolsa e saí.

## CENA III

*(Na sala da casa de Helena.)*

- HELENA Minha amiga, por que é que você fez isso?
- VALÉRIA Isso o quê? Você acha que eu devia ter deixado o negócio lá?
- HELENA Olha a confusão que deu.
- VALÉRIA Quer dizer que a mulher não pode fazer nada pra não dar confusão. Somos a causa das confusões, é isso, Helena?
- HELENA Calma, você está nervosa, não foi isso que eu quis dizer.



- VALÉRIA Eu sei o que você quis dizer. Não me arrependo.
- HELENA Tem certeza? Olha pra você.
- VALÉRIA Eu estou com medo.
- HELENA Do Tavinho?
- VALÉRIA Eu não quero dar sumiço.
- HELENA Ficou maluca! O que é que você está querendo, amiga?
- VALÉRIA Até eu achar uma solução.
- HELENA Foi pra isso que você veio aqui? Nem pensar.
- VALÉRIA O Fernando é tão cabeça aberta.
- HELENA Não é justo eu fazer isso com ele.
- VALÉRIA Então você não quer me ajudar.
- HELENA Amiga, o que é que está acontecendo com você? E a família? E as filhas? A Cristiane e a Dorinha?
- VALÉRIA E ainda está me censurando.
- HELENA Joga isso fora.
- VALÉRIA (*Levantando-se.*) - Bem, eu tenho que ir.
- HELENA Depois não vem me dizer que eu não te avisei.
- VALÉRIA Não vou me esquecer disso.
- HELENA Está chateada comigo?
- VALÉRIA Está na minha hora, eu tenho que fazer o almoço pro Tavinho.
- HELENA Não vá fazer nenhuma besteira.
- VALÉRIA Não se preocupe, amiga. Está tudo muito lindo. (*Batendo na bolsa.*) Isso aqui é só um detalhe.

## CENA IV

*(No boteco.)*

OTÁVIO     Aí, Maurício. Bom?

MAURÍCIO   Ah, Meu Deus, só o que me faltava.

OTÁVIO     Desce uma gelada aí. Rápido.

MAURÍCIO   Hoje é segunda-feira, eu fecho o bar mais cedo.

OTÁVIO     Faltam quinze pras nove.

MAURÍCIO   Que agitação é essa?

OTÁVIO     Um telefonema que eu recebi de um amigo. Brigou com a mulher, precisei dar uns conselhos. Meia hora de conversa. Já que eu estava passando por aqui, aproveitei pra tomar duas cervejas.

MAURÍCIO   Uma, eu vou servir uma cerveja, e olha lá.

OTÁVIO     *(Em tom duro.)* - Duas.

MAURÍCIO   Vai tomar cerveja em outro lugar, eu estou fechando o bar.

OTÁVIO     Tudo bem. Manda a primeira, depois a gente vê.

MAURÍCIO   Tenho que aguentar. *(Servindo a cerveja.)* O que aconteceu com o seu amigo?

OTÁVIO     Deu umas porradas na mulher.

MAURÍCIO   *(Indignado.)* - Que merda! Sério?

OTÁVIO     Mereceu, pode ter certeza.

MAURÍCIO   Por acaso alguém merece apanhar, Tavinho?

- OTÁVIO Sabe o que o meu amigo encontrou na gaveta das calcinhas da sua mulher? Uma arma. Cano longo. Preta. Acha pouco?
- MAURÍCIO E o marido não sabia.
- OTÁVIO Nem fazia ideia.
- MAURÍCIO O que é que a mulher estava fazendo com a arma?
- OTÁVIO Boa pergunta. O que é que você acha? O que é que uma mulher pacífica, meiga, (*Enfatiza.*) recatada, vai fazer com uma arma escondida na gaveta? Eu fui claro, eu disse pro meu amigo. Quem garante que sua mulher não está querendo te matar? (*Acalma-se.*) Primeiro, conversaram. Ela não conseguiu convencer o marido. Ele viu que ela estava errada, e que ele estava certo. E aí, porrada nela! O que é que eu posso fazer?
- MARÍCIO Manda seu amigo tomar vergonha na cara.
- OTÁVIO O cara encontra uma arma na gaveta das calcinhas da mulher!
- MAURÍCIO Já entendi. Você está concordando com seu amigo.
- OTÁVIO Eu tenho que concordar. Foi dentro da casa dele. Em briga de marido e mulher não se mete a colher.
- MAURÍCIO Isso é covardia.
- OTÁVIO (*Ofendido.*) - Covardia? Quem começou a briga foi ela. Ela deu na cara dele.
- MAURÍCIO Mas quem deu as porradas foi ele.
- OTÁVIO A mulher está sacaneando o meu amigo.
- MAURÍCIO Que tipo de arma era?
- OTÁVIO Não sei.
- MAURÍCIO Como não sabe. Um trinta e oito, cano longo?
- OTÁVIO Acho que não. Não era um trinta e oito.

- MAURÍCIO Uma taurus, calibre 22. Cano longo, de doze polegadas.
- OTÁVIO (*Assustado.*) - Que doze polegadas, Maurício. Você está doido. Doze polegadas é desse tamanho (*Faz o gesto de medir com as mãos.*)
- MAURÍCIO Eu estou achando isso estranho.
- OTÁVIO E a merda toda que você não sabe. Depois que a mulher levou as porradas, que o cara se acalmou, que eles se entenderam, viram que tudo não passou de um engano.
- MAURÍCIO Como assim?
- OTÁVIO Não tinha arma coisa nenhum.
- MAURÍCIO (*Indignado.*) - Mas o cara bateu nela por causa da arma.
- OTÁVIO Maurício, deixa eu te fazer uma pergunta. Você acha que é possível confundir uma calcinha preta com uma arma?
- MAURÍCIO Depende. Depende do tamanho da arma que ele imaginou, da posição da calcinha, você disse que era cano longo, não tem como confundir uma arma de cano longo com uma calcinha.
- OTÁVIO Meu amigo podia estar nervoso.
- MAURÍCIO Possível.
- OTÁVIO Estressado. Você não acha que o estresse pode causar esse tipo de visão? Excesso de preocupação. Essa crise econômica. Essa merda de governo corrupto que não deixa as pessoas honestas dormirem direito. Quem se ferra é a classe média! E sobra pra quem, esse estresse todo? Pras mulheres. Por que nós sempre temos algum motivo pra desconfiar das mulheres. E quando a gente está no limite do estresse, qualquer comportamento diferente é motivo pra gente achar que a mulher está querendo sair da linha, aí a gente vai ficando com a cabeça cheia de ideias...
- MAURÍCIO (*Interrompe.*) - E aí vai lá e desce a mão! Tudo muito perfeito. Concatenado. Vamos, toma logo essa cerveja.
- OTÁVIO Faltam sete minutos. Tenho tempo.

- MAURÍCIO Eu te conheço. Vamos logo com isso.
- OTÁVIO Você casa com uma mulher, aí o casamento tem todas aquelas obrigações, respeito da mulher ao macho, a submissão dela, na tristeza e na alegria, aí você traz a mulher pra sua casa, sustenta ela, dá tudo, dinheiro, carro, não deixa faltar nada que precisa, chega lá na sua obrigação de macho pelo menos uma vez por semana, e quando tem feriado, chega a dar duas, até três vezes, você tem respeito por ela, ela não reclama, porque, se a Valerinha não reclama é porque está tudo bem, então eu pergunto. Pra que uma arma escondida na gaveta?
- MAURÍCIO (*Desconfiado.*) - Tavinho, você bateu na Valéria.
- OTÁVIO Que bati o quê.
- MAURÍCIO Olha pra mim.
- OTÁVIO Só porque eu estou concordando com meu primo?
- MAURÍCIO (*Indignado.*) - Primo? Era amigo, agora é primo?
- OTÁVIO Amigo, primo, tudo a mesma coisa...
- MAURÍCIO Tavinho, o que é que você fez com a Valéria?
- OTÁVIO Vai lá em casa ver. Está viva, inteira.
- MAURÍCIO Você confundiu uma calcinha com um revólver.
- OTÁVIO Confundi. Ou não confundi, sei lá! Isso não interessa.
- MAURÍCIO (*Aproximando-se.*) - Como você foi achar que a Valéria seria capaz de esconder um revólver na gaveta, com a intenção de te matar? Como se a sua mulher fosse um monstro! Como é que uma mulher fina, elegante, com aquela calma toda, seria capaz de arranjar um revólver pra te matar?
- OTÁVIO É que a arma não estava na gaveta.
- MAURÍCIO Você me disse que estava na gaveta.
- OTÁVIO Estava, depois não estava mais. Aí eu exigi que a Valerinha

me entregasse o tal negócio, ela negou, fiz ela procurar, dei porrada, estava na gaveta, depois não estava mais, que merda é essa?

MAURÍCIO A arma estava na sua cabeça, não na gaveta!

OTÁVIO *(Pausa. Contrariado.)* - Foi o que ela me disse. *(Volta a se irritar.)* Mas mesmo assim ela saiu da linha, ela me deu um tapa na cara. E mulher que sai da linha tem que levar porrada!

MAURÍCIO *(Perde o controle.)* - Que linha? Que porra de linha é essa que você traçou pra sua mulher?

OTÁVIO Não fui eu que tracei. Quando eu cheguei aqui, neste mundo, a linha já estava traçada. Então não me culpe se eu tenho que bater na minha mulher pra mostrar pra ela qual é o lugar dela. Por que uma mulher que é amada, respeitada e sexualmente suprida pelo marido tem que guardar aquilo na gaveta?

MAURÍCIO Você está maluco! Acaba de tomar essa cerveja.

OTÁVIO Faltam quatro minutos. A merda é que depois daquela discussão toda, aquela confusão, você acaba concordando com a mulher. *(Levanta-se.)* Ela te convence que você teve visões. Cabeça fraca. Eu não tenho cabeça fraca, não é possível que eu não vi o que eu vi!

MAURÍCIO Não viu.

OTÁVIO Qual o homem que não se abala diante de uma calcinha?

MAURÍCIO Tavinho, aí também já é demais.

OTÁVIO Eu conheço todas as calcinhas da minha mulher.

MAURÍCIO Pra que isso?

OTÁVIO Controle, meu caro.

MAURÍCIO Eu nunca tive tempo pra isso.

OTÁVIO O carteador te tomava tempo.

MAURÍCIO Que porra de conversa é essa Tavinho.

- OTÁVIO Sua mulher ia te buscar no carteadado, esqueceu?
- MAURÍCIO Minha história não tem nada a ver com a sua!
- OTÁVIO Não tem. De fato, não tem. Por que eu nunca obrigaria minha mulher, com câncer terminal, ir me buscar no carteadado.
- MAURÍCIO Cala a boca!
- OTÁVIO Até a morte.
- MAURÍCIO Cala essa boca senão eu te mato!
- OTÁVIO A boca é minha e eu não me calo. O leão é o rei da floresta. Eu sou o leão.
- MAURÍCIO Leão não bate em leoa.
- OTÁVIO Se precisar, bate.
- MAURÍCIO *(Aproxima-se e tira a cerveja da mesa e vai despejar o conteúdo na pia.)* - Eu não sirvo cerveja pra quem bate em mulher.
- OTÁVIO Porra, você está jogando a minha cerveja fora!
- MAURÍCIO Já são nove horas.
- OTÁVIO *(Consultando o relógio na parede.)* - Faltam dois minutos. Eu quero a minha cerveja.
- MAURÍCIO Eu não vou abrir outra cerveja. Sai do meu bar.
- OTÁVIO Você vai trazer outra cerveja pra mim.
- MAURÍCIO *(Colocando a cadeira em cima da mesa.)* - Não vou trazer porra nenhuma. Levanta e vai embora.
- OTÁVIO *(Levantando-se ao mesmo tempo em que desce a cadeira recém colocada em cima da mesa pelo Maurício, que por sua vez coloca em cima da mesa a cadeira em que Otávio estava sentado.)* - Maurício, não é sempre que eu estou calmo. Pergunta pra Valerinha pra você ver.

MAURÍCIO Eu sei. Você vai lá e desconta nela. Sai do meu boteco.

OTÁVIO Traz a cerveja.

MAURÍCIO Sai do meu boteco!

OTÁVIO Traz a cerveja.

MAURÍCIO Levanta.

OTÁVIO Eu estou perdendo a paciência.

MAURÍCIO Anda logo.

OTÁVIO *(Levantando-se e já pegando a outra cadeira recém colocada sobre a mesa pelo Maurício que, por sua vez, coloca sobre a mesa a cadeira antes ocupada pelo Otávio.)* - Ouviu o que eu disse? Eu estou ficando com sede. E quando eu fico com sede, eu costumo perder a paciência.

MAURÍCIO Sai do meu boteco, agora!

OTÁVIO Você vai trazer cerveja pra mim, Maurício.

MAURÍCIO Não vou trazer.

OTÁVIO *(Levantando-se e já pegando a outra cadeira recém colocada sobre a mesa pelo Maurício que, por sua vez, coloca sobre a mesa a cadeira antes ocupada pelo Otávio.)* - Vai. Vai lá pegar a cerveja.

MAURÍCIO Com quem você acha que está falando?

OTÁVIO Eu sou cliente, eu é que mando nesse bar enquanto eu sou cliente.

MAURÍCIO Eu sou o dono do bar, se eu não quiser te servir eu vou não te servir.

OTÁVIO Quem paga é que manda.

MAURÍCIO Vai se ferrar. Você não paga nem o que deve. Essa aqui que você tomou não precisa pagar. Some.



- OTÁVIO Vou pagar a que eu vou beber. Traz logo, que eu estou começando a ficar estressado.
- MAURÍCIO Não vou trazer.
- OTÁVIO *(Levantando-se e já pegando a outra cadeira recém colocada sobre a mesa pelo Maurício.)* - Eu combinei com a Valerinha que eu tomaria duas cervejas. Foi o tempo que eu dei pra ela recolher os cacos dos copos que ela quebrou. A vadia me atirou quatro copos, não acertou um. Por isso eu quero tomar outra cerveja. Eu disse pra ela. Quando eu voltar pra casa, eu vou andar descalço pela cozinha. Se um caquinho de vidro me cortar o pé, ela vai levar quatro porradas, uma pra cada copo quebrado. Entendeu porque você vai me trazer uma cerveja agora?
- MAURÍCIO Está bem. Eu vou trazer.
- OTÁVIO É isso aí. E gelada, hein?
- MAURÍCIO *(Volta trazendo uma faca de cozinha, que empunha contra Otávio.)* - Sai do meu boteco!
- OTÁVIO *(Assustado, levanta-se e usa a cadeira como escudo.)* - Maurício, calma Maurício...
- MAURÍCIO Sai do meu boteco!
- OTÁVIO Calma, você está nervoso. Conte até três.
- MAURÍCIO Põe a cadeira no chão.
- OTÁVIO Eu vou colocar, calma.
- MAURÍCIO Põe a cadeira no chão.
- OTÁVIO *(Afastando-se em direção à porta de saída.)* - Abaixa essa faca, Maurício. Eu sou da paz, já estou saindo!
- MAURÍCIO Fora!
- OTÁVIO *(Largando a cadeira.)* - Já saí! *(Sai.)*

## CENA V

*(Na cozinha.)*

OTÁVIO *(Encontra a cozinha minuciosamente preparada para o almoço. Uma travessa elegante ao centro, um prato com os talheres, garfo e faca, um balde de gelo com duas cervejas e um copo de cristal. Uma travessa menor com arroz branco, e outra com batata palha. Destampa a travessa colocada ao centro.)* - Estrogonofe de frango! Com champignon! Valerinha, meu amor, que surpresa é essa? Pra mim? *(Verifica a travessa menor.)* Arroz soltinho... Às vezes as mulheres me surpreendem. *(Chama.)* Valéria! Só um prato? Não! Você vai almoçar comigo. Valerinha! *(Pega outro prato, depois os talheres, compõe a mesa a dois. Sai, chamando pela esposa.)* Valerinhaaa! *(Longo silêncio. Volta, pega o celular e disca. Espera ser atendido. Enquanto isso, destampa a travessa para analisar o estrogonofe. Valéria não atende ao telefone. Ele vê o bilhete.)* Bom apetite, amor! *(Sorri.)* Deve ter acontecido alguma coisa. Que droga, será que eu vou ter que almoçar sozinho? *(Abre a cerveja e despeja no copo. Beberica. Senta-se à mesa, preparando-se para almoçar. Disca novamente o celular, espera. Valéria não atende. Prepara-se para comer, serve-se primeiro do estrogonofe, depois de duas colheres de arroz. Começa a comer, o telefone toca.)* Alô!

VALÉRIA Você já está almoçando?

OTÁVIO Onde é que você está?

VALÉRIA Na rua, chegando em casa. Você já está almoçando?

OTÁVIO Comecei.

VALÉRIA *(Perturbada.)* – Já comeu alguma coisa?

OTÁVIO Ainda eu estou me servindo.

- VALÉRIA Não mexe na comida, espera eu chegar.
- OTÁVIO (*Estranhando.*) - O que foi?
- VALÉRIA Eu quero almoçar com você, não posso?
- OTÁVIO Você vai demorar? Eu estou com fome.
- VALÉRIA Otávio, dá pra você me esperar. Custa? Eu fiz um almoço lindo pra você, com carinho...
- OTÁVIO Não precisa ficar nervosa, eu espero.
- VALÉRIA Você não vai tocar na comida. Promete?
- OTÁVIO Prometo.
- VALÉRIA (*Angustiada.*) - Olha que você me prometeu.
- OTÁVIO Que desconfiança é essa?
- VALÉRIA Você lembra do Guilherme?
- OTÁVIO Guilherme...
- VALÉRIA O Guilherme da dona Fiita, irmã do Valadares.
- OTÁVIO Ah, sim, lógico, me lembro! Joguei muita bola com ele.
- VALÉRIA Morreu.
- OTÁVIO Morreu?
- VALÉRIA Essa madrugada.
- OTÁVIO De quê?
- VALÉRIA Me espera, não come, já estou entrando na nossa rua.
- OTÁVIO Eu não estou comendo, eu estou falando com você. Do que foi que ele morreu?
- VALÉRIA Leptospirose.
- OTÁVIO Leptospirose? E lá alguém morre de leptospirose? Isso é

doença de pobre. Como é que ele foi pegar isso?

VALÉRIA Não sei, não me contaram. (*Otávio pega uma garfada de estrogonofe e come.*) Ele estava com febre, dores no corpo, vômito, foi ao médico, o médico disse que era gripe. Uma virose. Tavinho, você está comendo?

OTÁVIO Não.

VALÉRIA Eu vou ficar muito chateada se você comer. Já estou chegando no prédio.

OTÁVIO E aí o médico disse que era gripe, e não era gripe, era mijo de rato.

VALÉRIA (*Enquanto Otávio pega uma outra garfada de estrogonofe e come.*) - Como é o que o médico ia imaginar?

OTÁVIO (*Começa a servir os pratos. Coloca duas colheres de arroz em cada prato, depois destampa a travessa do estrogonofe e começa a servir o estrogonofe no prato da Valéria, um pouco mais no seu, enquanto vai falando com a Valéria.*) - Pô, o cara pegou doença de pobre! Acabou de ser promovido a Diretor de Marketing, porra, é muito azarado!

VALÉRIA A Helena me disse que se o Guilherme tivesse procurado um ambulatório de um hospital público, iam detectar na hora a leptospirose, eles estão acostumados com esse tipo de doença...

OTÁVIO Hospital de pobre.

VALÉRIA Tavinho!

OTÁVIO Estou ouvindo.

VALÉRIA O que é que você está fazendo?

OTÁVIO Eu estou falando com você. Que merda, o que é que está acontecendo? Parece que a morte do Guilherme te fez mal.

VALÉRIA Vou desligar, estou no elevador, já estou subindo. Não toque na comida!

- OTÁVIO *(Enquanto Otávio pega mais uma garfada de estrogonofe e come.)* - Eu estou a dois metros de distância da mesa. *(Desliga, confere os pratos servidos, complementa com mais um pouco de estrogonofe em cada prato.)*
- VALÉRIA *(Entra. Decepcionada e desesperada.)* - Mas você já serviu?
- OTÁVIO Ficou chateada por quê?
- VALÉRIA *(Reage.)* - Deixa eu levar pro fogo novamente, deve estar frio...
- OTÁVIO *(Interrompendo.)* - Muito pelo contrário. Está perfeito, uma delícia!
- VALÉRIA *(Afasta-se.)* - Você... Você já comeu...
- OTÁVIO Não resisti, qual o problema? Como de novo, está uma delícia. *(Apontando a cadeira.)* Senta. Faz muito tempo que não temos um almoço a sós. Vamos aproveitar que a Dorinha e a Cristiane estão com os avós.
- VALÉRIA *(Sentando-se.)* - Você devia ter-me esperado.
- OTÁVIO *(Sentando-se, empunha o garfo.)* - Então, como é que você costuma me falar? *(Pausa. Serve-se de uma garfada, observa que Valéria está imóvel.)* Não vai responder?
- VALÉRIA Bom apetite, amor.
- OTÁVIO *(Observa Valéria imóvel.)* - Não vai comer não?
- VALÉRIA *(Inaudível.)* - Vou.
- OTÁVIO Está esperando o quê? *(Começa a comer, logo seguido de Valéria, e vão comendo, silenciosamente, o estrogonofe. Otávio passa a mão direita no peito, em círculo, duas vezes, como se algo o estivesse incomodando.)* Está quente aqui... *(Cai o pano.)*

**FIM**

Passos/MG, 2 de fevereiro de 2016.

**CENA DESCARTADA**

- OTÁVIO *(Permanece sentado. Olha o movimento. Parece estar à espera de que alguém apareça. Vê alguém parado adiante, sozinho, também observando. Depois de vacilar na decisão, levanta-se e vai até o homem.)* – Será que vai chover?
- PESSOA *(Olhando para o céu.)* – Você está querendo que chova?
- OTÁVIO É que pode chover.
- PESSOA O céu está azul. Aquela nuvem lá na ponta não é preta, é branca. Não é de chuva.
- OTÁVIO De fato, não vai chover não. Você é a favor de casamento de veado?
- PESSOA Por que é que eu tenho que ser a favor?
- OTÁVIO Então você é contra.
- PESSOA E por que é que eu tenho que ser contra?
- OTÁVIO Então você é o quê?
- PESSOA Um cidadão que acabou de perder o emprego.
- OTÁVIO Então é por isso que você está aqui?
- PESSOA Não é por isso que eu estou aqui.
- OTÁVIO Você está fazendo o que aqui, então?
- PESSOA Você jogou o papel de bala no chão!
- OTÁVIO Você é contra eu jogar o papel no chão?
- PESSOA Existe lixo pra quê?

- OTÁVIO Eu pago imposto, o Estado tem obrigação de vir aqui e catar o papel. Agora, vamos ver se o estado vem aqui catar o papel. Vamos ficar aqui parados nós dois? Pra ver se o meu imposto vem até aqui. Porque eu pago imposto!
- PESSOA Eu sou contra uma coisa, essa sim.
- OTÁVIO O quê?
- PESSOA Eu sou contra os imbecis.
- OTÁVIO Eu também! Bate aqui. (*O interlocutor não se move.*) Imbecil é que não falta nesse país. Tem uns cinquenta em cada esquina. (*Silêncio.*) Então, você vai fazer alguma coisa agora?
- PESSOA Estou aqui esperando resolver essa meleca que não sai.
- OTÁVIO Daqui a pouco vai dar meio-dia, hora do almoço. Vamos sentar ali.
- PESSOA Estou bem aqui, obrigado. Pode sentar.
- OTÁVIO Então. Eu estava até agora conversando com o meu primo, ele acabou de sair, teve que ir, uns problemas, você sabe, casamento... (*Interlocutor não responde.*) Casamento, as mulheres, você sabe. Eu estou bem, mas não é todo mundo que está bem. (*Interlocutor não responde.*) Vamos sentar ali. Vamos bater um papo, quem sabe que você me ajuda a entender o que está acontecendo com a mulher do meu primo. Vem cá, vamos sentar um pouco. Isso tudo aí vai demorar.
- PESSOA Só se você catar o papel que você jogou no chão.
- OTÁVIO Você está me mandando catar o papel? Vai se foder, eu cato se eu quiser. Você está se escondendo atrás do quê? Vou avisar a galera, você não é dos nossos.